

SE ESSA RUA FOSSE FEMININA ?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Dayanna Klécia da Silva Barbosa

**Se essa rua fosse feminina:  
O espaço público pela ótica feminina no bairro da Serraria, Maceió – AL.**

Maceió  
2022

Dayanna Klécia da Silva Barbosa

**Se essa rua fosse feminina:  
O espaço público pela ótica feminina no bairro da Serraria, Maceió – AL.**

Trabalho Final de Graduação apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como exigência para obtenção de título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana Michaello Macêdo Dias

Maceió  
2022

**Catálogo na Fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

- B238s    Barbosa, Dayanna Klécia da Silva.  
          Se essa rua fosse feminina : o espaço público pela ótica feminina no bairro da Serraria, Maceió - AL / Dayanna Klécia da Silva Barbosa. - 2022.  
          98 f. : il. color.
- Orientadora: Juliana Michaello Macêdo Dias.  
          Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2022.
- Bibliografia: f. 71-72.  
          Apêndices: f. 74-98.
1. Mulheres. 2. Planejamento urbano. 3. Espaços públicos - Maceió (AL). I. Título

CDU: 711.4-055.2

## AGRADECIMENTOS

Com o coração realmente feliz, agradeço a Deus pelo dia em que meu coração saltou de alegria ao abrir um livro de desenho arquitetônico e com isso a certeza de que era esse o caminho a seguir. Grata pela força e coragem ao longo desses anos, em me fazer acreditar que eu seria capaz de me tornar a profissional que almejava.

Agradeço a minha família, em especial meus pais Ediene e Klinger, que desde muito cedo investiram com grande dificuldade na minha educação e acreditaram que eu poderia ser uma aluna da Universidade Federal.

Agradeço também ao PET Arq que fez parte quase que total na construção dos meus valores como profissional e na construção do conhecimento. Em especial aos queridos e queridas Jéssica, Maya, Malu, Poli, Roseline, Gianna, Dandara, Hedhy, Álvaro, Paulinha, Gabi, Léo, Amanda e tantos outros que me ajudaram nessa aventura de viver a educação com responsabilidade, devolvendo a sociedade o investimento dado a mim.

Aos amigos Lara e Bernardo que dividiram longas noites e longos dias de muito trabalho, risadas e conversa fiada pelos corredores da FAU e hoje da vida.

Agradeço por cada professor e professora que cruzou o meu caminho, confiantes que a educação é primordial para uma sociedade mais justa. Em especial a minha orientadora Juliana, que com paciência e muita competência, me ajudou nessa estrada de finalização de curso.

Grata também à Comunidade dos Viventes que sempre foi apoio e Luz no olhar respeitoso ao outro.

A todas as mulheres que se puseram a participar dessa pesquisa e divulgá-la. Como também, todas as mulheres que vieram muito antes de mim e lutaram para que eu pudesse hoje falar e discutir relações de gênero.

Por fim, agradeço e dedico este trabalho a minha filha Elis que já não está aqui, mas que participou de um grande desejo de trazer ao mundo uma mulher que pudesse vivenciar as mudanças que tantas mulheres lutam hoje.

*Gênero é uma dimensão central da vida pessoal, das relações sociais e de cultura. É uma arena em que enfrentamos questões práticas difíceis no que diz respeito à justiça, à identidade e até a sobrevivência.*

*(CONNELL; PEARSE, 2015, p.25)*

## RESUMO

A disparidade das relações de gênero, na utilização dos espaços públicos das cidades brasileiras do século XXI, está intimamente ligada ao contexto de iniquidade na ocupação e acesso de tais espaços pelos gêneros masculino e feminino. Um planejamento urbano que não se utiliza das particularidades e especificidades de seus(as) usuários(as) para projetar espaços públicos democráticos a todos e todas, gera à parcela feminina dessa locução, vulnerabilidade e insegurança. No contexto da historicidade do processo de urbanização da civilização humana ocidental, verifica-se em diversos territórios, desde a antiguidade, a concepção do espaço público como inerente e exclusiva ao homem. Historicamente introduzidas em uma sociedade patriarcal, observa-se a obliteração da participação feminina no âmbito urbano e na composição do papel social da mulher. Posto isso, esta investigação se dará sobre como as mulheres do bairro da Serraria, Maceió – AL, utilizam o espaço público e como essa utilização pode comunicar sobre as particularidades das relações de gênero para o planejamento urbano das cidades brasileiras nesse novo milênio. Tem como premissa, discutir a utilização dos espaços públicos do recorte, a partir da perspectiva feminina, buscando compreender as especificidades de apropriação dos espaços públicos em relação às questões de gênero. Para tal, utiliza-se como construção metodológica de resultados, a escuta das vozes femininas sobre suas experiências urbanas no recorte, aliado a uma análise do desenho urbano, para assim compreender como o planejamento urbano brasileiro pode ser construído de modo a garantir às mulheres o acesso íntegro aos espaços públicos das cidades, com integridade e autonomia.

**Palavras-chave:** Mulher; Planejamento urbano; Espaço público; Gênero.

## RESUMEN

La disparidad en las relaciones de género, en el uso de los espacios públicos en las ciudades brasileñas en el siglo XXI, está estrechamente ligada al contexto de inequidad en la ocupación y acceso a dichos espacios por parte de hombres y mujeres. En un urbanismo que no utiliza las particularidades y especificidades de sus usuarios para diseñar espacios públicos democráticos para todos, genera vulnerabilidad e inseguridad para la porción femenina de esta expresión. En el contexto de la historicidad del proceso de urbanización de la civilización humana, se ha verificado en varios territorios, desde la antigüedad, la concepción del espacio público como inherente y exclusivo del hombre. Introducida históricamente en una sociedad patriarcal, hay una aniquilación de la participación femenina en la esfera urbana y en la composición del rol social de la mujer. Dicho esto, esta investigación versará sobre cómo las mujeres de Serraria, Maceió - AL, utilizan el espacio público y cómo este uso puede comunicar sobre las particularidades de las relaciones de género para la planificación urbana en las ciudades brasileñas del siglo XXI. Su premisa es discutir el uso de los espacios públicos en el recorte, desde la perspectiva femenina, buscando comprender las especificidades de la apropiación de los espacios públicos en relación a las cuestiones de género. Para ello, se utiliza como una construcción metodológica de resultados, escuchando las voces de las mujeres sobre sus experiencias urbanas en el recorte, combinado con un análisis del diseño urbano, para comprender cómo se puede construir el urbanismo brasileño para garantizar a las mujeres. el pleno acceso a los espacios públicos de las ciudades, con integridad y autonomía.

**Palabras clave:** Mujer; Planificación urbano; Espacio público; Género.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Localização do recorte de estudo .....	10
Figura 02 - Panorama histórico das mudanças urbanas no bairro da Serraria, Maceió - AL .....	16
Figura 03 - Rua fechada por portão, conhecida como “condomínio” pelos moradores, no bairro Serraria, Maceió - AL .....	17
Figura 04 - Logotipo e identidade visual para a página @seessaruafossefeminina .....	27
Figura 05 - Registro da esquina da Travessa Getúlio Vargas, às 23h .....	39
Figura 06 - Registro dos becos formados por edifícios residenciais no Conjunto José Tenório, às 16h .....	48
Figura 07 - Registro das garagens cobertas na “Rua dos Bombeiros”, no Conjunto Rui Palmeira, às 15h30 .....	49
Figura 08 - Ilustração da enquete realizada no perfil @seessaruafossefeminina, na rede social Instagram, mostrando a Rua Pedro Melo Mota, Serraria, Maceió - AL .....	64
Figura 09 - Ilustração da enquete realizada no perfil @seessaruafossefeminina, na rede social Instagram, mostrando o entorno do Jardín Botánico Joaquín Uribe, Medellín, Colômbia .....	64
Figura 10 - Ilustração da enquete realizada no perfil @seessaruafossefeminina, na rede social Instagram, mostrando a Travessa Getúlio Vargas, Serraria, Maceió - AL .....	64
Figura 11 - Ilustração da enquete realizada no perfil @seessaruafossefeminina, na rede social Instagram, mostrando o Parque de Los Deseos, Medellín, Colômbia .....	64

# Sumário

## Intro.

Introdução

01

---

## Cap. 01

De onde parto

05

---

1.1 | Ser mulher no espaço público

06

1.2 | A Serraria como cenário

09

1.3 | Espacialização da memória

17

## Cap. 02

Configurando a escuta

21

---

2.1 | Parar, olhar, sentir

22

2.2 | Muito a escutar

23

2.3 | Os caminhos da escuta

28

2.3.1 | Delineando: formulário

28

2.3.2 | Delineando: Instagram

30

## Cap. 03

O que elas dizem

32

---

3.1 | Elas: através do formulário

33

3.2 | Elas: através do Instagram

53

## Cons.

Considerações Finais

66

---

## Ref.

Referências Bibliográficas

70

---

## Ap.

Apêndice

73

---

Intro.

Intro.

**Introdução:**

Intro.

Intro.

Se você é mulher, fecha os olhos e tenta imaginar essa cena: você está sozinha, caminhando em uma rua onde não há ninguém, com muros altos e um terreno baldio à espreita. Imaginou? O que você sentiu? Medo? Pavor? Insegurança? Vontade de correr? Essa cena pode ser vivenciada e sentida todos os dias por diversas mulheres no contexto urbano brasileiro.

Se você é homem, já parou pra refletir se as mulheres que você vê na rua, ocupam o espaço público da mesma forma que você? Se você estivesse na mesma cena anterior você também sentiria medo? Medo de assalto ou medo de violência física? Já imaginou sair na rua todos os dias e sentir medo de ser violentado? Talvez na sua perspectiva isso não passe pela cabeça, mas sendo mulher no contexto urbano brasileiro, isso nos atravessa todos os dias, em todos os horários.

As diversas estatísticas sobre a violência contra a mulher no século XXI associadas a uma análise sobre seu comportamento no espaço urbano vão de encontro às propostas urbanísticas apresentadas no Brasil, especialmente a partir do processo de redemocratização nacional e da Constituição de 1988, revelando em partes um descompasso entre o discurso integrador e democrático dos documentos oficiais e a realidade enfrentada pelas mulheres nas cidades brasileiras, independente do tamanho destas e suas posições na hierarquia urbana nacional. (FERREIRA; SILVA, 2017, p. 3)

Atualmente, na sociedade capitalista, as relações de gênero atravessam, tanto nas questões sociais, como as econômicas e territoriais, disparidades e particularidades que os papéis sociais de gênero expõe nas relações de trabalho, domésticas, de segurança, entre

outros. No contexto da urbanização das cidades, essa disparidade foi sendo reforçada para perpetuação dos privilégios masculinos. Segundo Massola (2018), em contrapartida a esses privilégios, o movimento feminista que se articulou principalmente no ocidente, luta há vários séculos pelo “reconhecimento enquanto sujeitas da história (...) levando ao público o questionamento de uma sociedade baseada em valores patriarcais”.

No debate sobre gênero, as discussões enfatizam a relação dicotômica de homem versus mulher, partindo de uma divisão biológica onde “define-se gênero como diferenças sociais ou psicológicas que correspondem a essa divisão” (CONNELL; PEARSE, 2015, p.46). O termo associa-se comumente a divisão cultural que homens e mulheres desempenham, mas “acima de tudo, o gênero é uma questão de relações sociais dentro das quais indivíduos e grupos atuam.” (CONNELL; PEARSE, 2015, p.47). No sentido destas relações de gênero, serão tratadas aqui a perspectiva feminina de mulheres que se reconhecem como tal, sendo ela cis ou trans, respeitando também e principalmente seu desejo por anonimato.

Este trabalho parte do pressuposto de que a desigualdade nas relações de gênero está intimamente ligada ao contexto da iniquidade na ocupação dos espaços públicos por homens e mulheres e que, o planejamento urbano não se utiliza dessas particularidades para projetar espaços públicos de acesso igualitário a todas as pessoas. Apesar disso, no contexto da pós-modernidade, no espaço urbano brasileiro, as mulheres utilizam o espaço público tanto quanto os homens, mas desenvolveram uma série de projeções pessoais para proteção individual e utilização. Parte ainda de uma sociedade patriar-

cal heteronormativa, onde a cidade e as relações sociais são locais de dominação masculina e, portanto, não planejada pensando nas particularidades das relações de gênero.

Na alegação de que a cidade é direito de todos e todas e na ideia de que o ambiente construído molda o comportamento humano, é inerente ao estudo do planejamento urbano “compreender as potencialidades e limites que o meio oferece, (...) e, portanto, o comportamento dos diferentes gêneros.” (FERREIRA; SILVA, 2017)

Falar das desigualdades não é apenas tratar do problema do ponto de vista do acesso desigual aos espaços e processos da cidade é, acima de tudo, reconhecer que as desigualdades entre mulheres e homens não atravessam a produção e reprodução das cidades, mas são, por princípio, elementos constituintes das mesmas. Esta é uma distinção importante, na medida em que se atuamos apenas no plano das desigualdades de acesso estaremos trabalhando os impactos da estrutura na vida das mulheres – o que é importante, mas não o suficiente – enquanto que ao assumirmos as desigualdades das cidades estaremos enfrentando a questão do poder e conseqüentemente dos privilégios que os homens têm com a conservação desta estrutura. (GOUVEIA, 2005, p. 1 apud LYRA, 2018, p. 2)

“Se essa rua fosse feminina” é uma investigação sobre como as mulheres do bairro da Serraria, Maceió – AL, utilizam o espaço público e como essa utilização pode comunicar sobre as particularidades das relações de gênero para o planejamento urbano das cidades brasileiras do século XXI. Construída pela ótica feminina, onde me coloco como agente de investigação, mas também como objeto de estudo,

apresento um olhar sob as adversidades e especificidades de ser mulher e ocupar o espaço público urbano do bairro da Serraria.

Aqui, a construção textual e motivacional da pesquisa sustenta-se no meu lugar de fala enquanto mulher, ex-moradora do recorte (na qual vivi por 18 anos) e agora transeunte. Ao longo desses muitos anos sendo residente no bairro, experienciei diversas adversidades só pelo fato de ser mulher e fui marcada pelas relações de gênero que o espaço público expõe. Já me senti repelida a diversos trechos do bairro, mas também já me senti atraída por vários outros. Por isso, reforço a todo instante a linguagem verbal na 1ª pessoa, entendendo que o ponto de partida da investigação parte principalmente das minhas experiências dentro do recorte, mas dando voz e escuta a 3ª pessoa: as mulheres deste recorte. Uma mão de via dupla, onde sujeito e objeto se entrelaçam na ideia de uma construção teórica/prática sobre ser mulher nas cidades brasileiras do século XXI.

Em suma, esta investigação tem como objetivo geral discutir a utilização dos espaços públicos do recorte, a partir da perspectiva feminina, buscando compreender as especificidades de apropriação dos espaços públicos em relação às questões de gênero. Busca-se ainda:

- a identificação do modo como as mulheres deste recorte experienciam a vulnerabilidade e a insegurança em relação à morfologia urbana do recorte;
- a caracterização dos espaços mais expressivos de utilização da mulher no recorte;

- a análise entre a ocupação dos espaços públicos e a apropriação feminina no mesmo.

Sendo a cidade a projeção da sociedade em um determinado espaço, analisar como a urbe dialoga com a presença feminina é de fundamental importância tendo em vista que o desempenho das inúmeras funções, mãe, companheira, profissional, em diferentes áreas, solicita da cidade a mobilidade e a acessibilidade, envolvendo o livre transitar da mulher, inclusive para o trabalho, a possibilidade de acessar serviços públicos e privados, lazer e cultura sem cerceamento, muitas das vezes provocado pelo receio à sua integridade física. Para que a cidade seja funcional à mulher é preciso que ela perceba a presença feminina, o que envolve permitir sua participação nos espaços decisórios sobre o desenho, o uso e ocupação da cidade. (CASIMIRO, 2017, p.9)

#### | Estrutura de capítulos |

Neste trabalho, a estruturação dos capítulos baseia-se em encaminhar o(a) leitor(a) pelo processo de construção até as falas femininas. No primeiro capítulo, intitulado **De onde parto**, apresento o ponto de partida e a motivação para a investigação, assumindo a teoria como embasamento para o cenário de estudo. Para ilustrar o papel social da mulher e as relações de gênero ao longo do processo de urbanização das cidades, realiza-se uma breve contextualização histórica sobre estes fatos, afim de compreender a atual configuração. Além disso, desenhando o cenário do recorte de análise e as minhas

experiências com ele, os quais motivaram toda pesquisa, reforço meu lugar de fala e minha presença como objeto de estudo, delineando os caminhos pelos quais minhas experiências trouxeram olhares particulares sobre as temáticas.

Já no segundo capítulo, intitulado **Configurando a escuta**, são ilustrados os caminhos pelos quais foram necessários a realização para conceber a escuta das mulheres. É principalmente a apresentação do processo metodológico e de como as observações in loco embasaram a estruturação do contato com as mulheres que transitam e habitam o bairro. Tratará ainda da forma como os meios digitais propiciaram o encaminhamento da pesquisa, mesmo durante a pandemia da Covid-19 e quais soluções precisaram ser adotadas para uma escuta consciente e responsável da perspectiva feminina.

Terceiro e último capítulo, intitulado **O que elas dizem**, apresentará a ótica feminina sobre a utilização dos espaços públicos do recorte, comunicando principalmente o modo como essas mulheres enxergam suas experiências nesses espaços e como eles respondem as suas necessidades. Neste capítulo, a voz das mulheres é a principal ferramenta de análise e o principal caminho de entendimento sobre como o planejamento urbano pode ser desenvolvido de modo a produzir espaços públicos equitativos.



De  
onde  
parto

Início do século XXI. Ser mulher e utilizar o espaço público plenamente ainda não é possível e, pouco discutido por arquitetos(as)-urbanistas e pela academia. Ao contrário disso, já é matéria antiga de discussão entre coletivos, associações e comunidades afins. Porém, algo é despertado e a perspectiva de gênero passa a ser matéria de discussão entre os(as) pesquisadores(as). Logo me vejo com uma ânsia de debater, ouvir, falar, pesquisar, saber e observar a minha e a perspectiva de tantas mulheres que percorrem e vivem a dinâmica do bairro Serraria, em diversas situações e enfrentamentos diários, em um contexto urbano em que há pouco debate sobre planejamento urbano através da perspectiva de gênero.

Parto, principalmente, da minha vivência particular de ser mulher e conviver em um espaço público tomado por mulheres tão plurais que o ocupam apesar das dificuldades enfrentadas pela condição de gênero. Nesta investigação, faço-me presente na primeira e na terceira pessoa, olhando o bairro da Serraria sob a ótica feminina em um contexto onde as mulheres estão no espaço público mesmo não o ocupando plenamente. Que, tão importante quanto discutir sobre a inserção da mulher no contexto social urbano é discutir os enfrentamentos diários que a perspectiva de gênero traz e inseri-los como matéria do desenho urbano contemporâneo.

Para tal, é necessário um panorama histórico geral sobre o papel social da mulher na cidade e sua inserção. Além do entendimento do contexto urbano do bairro investigado e das motivações de que parto neste estudo.

### 1.1 | Ser mulher no espaço público

(...) homens e mulheres vivem sob dadas condições objetivas e subjetivas que são produto das relações sociais. (SANTOS; OLIVEIRA, 2010, p. 12)

No contexto da historicidade do processo de urbanização da civilização humana ocidental, verifica-se em diversos territórios, desde a antiguidade, a concepção do espaço público como inerente e exclusiva ao homem. Historicamente introduzidas em uma sociedade patriarcal, observa-se a obliteração da participação feminina no âmbito urbano público e na composição do papel social da mulher.

O próprio processo de constituição dos espaços público e privado tem relação com o modo como se dão as relações sociais. Antes do surgimento da apropriação privada dos bens materiais, estes eram coletivamente apropriados por todas as pessoas (sociedades primitivas). Com o surgimento da propriedade privada, exigindo novas configurações nos agrupamentos familiares, nas relações de trabalho e na organização social, prevalecem novas relações sociais que incidem sobre a vida de homens e mulheres. Para as mulheres, novas tarefas, sobretudo, a de procriar, de ser mãe e esposa sob as exigências do casamento monogâmico, cabendo-lhe, como imposição sumária, o espaço do lar, enquanto, ao homem, restava o trabalho desenvolvido fora do espaço doméstico. (SANTOS; OLIVEIRA, 2010, p. 13)

E ainda,

O modelo de urbanização romano, (...) teve seu conceito de espaço público e de compartilhamento idealizado e concebido pelo e para o gênero masculino.

O homem ficaria responsável pelo sustento de sua família, ao mesmo tempo em que, se engajava politicamente e garantia a segurança do território familiar, enquanto a mulher, permaneceria em seu ambiente doméstico, protegida dos possíveis perigos que poderiam atingi-la caso desbravasse os além-muros deste território familiar.

Nas cidades gregas, as relações sociais aconteciam em espaços identificados em função do gênero masculino: o desenrolar das tarefas políticas, a gestão dos negócios, a realização de ofícios e desempenhos sacerdotais, só poderiam ser consolidadas em espaços públicos concedidos aos homens livres. Inclusive as atividades lúdicas, como os espetáculos circenses, as corridas de cavalos e as lutas de gladiadores. (RODRIGUES, 2017, p.5)

Rodrigues (2017), mostra-nos como o papel político/social aplicado ao gênero, já nas cidades da antiguidade, constituíram-se pelas mãos dos homens e pela perpetuação da ideia mulher privada e homem público.

Ainda no contexto de historicidade urbana, o papel social da mulher privada e do homem público vão sendo reforçados ao longo da história. Vejamos:

Desde a antiguidade, a medida que o homem passa a exercer a condição de agente do trabalho externo às práticas do lar, a mulher ficou ligada a naturalidade da gestação e aos cuidados com os filhos, sendo pressionada a se recolher ao espaço das atividades domésticas. As relações entre os sexos recaíram na bipolarida-

de homem/mulher, que na instância social, foi consolidada e adotada como de caráter de naturalização social.

Na Idade Média, as mulheres embora estivessem presentes no campo de batalha ao lado dos homens combatentes, e em alguns casos participando diretamente do combate, tiveram na percepção dos cronistas da época, a condição de auxiliadora do homem (PERNOUD, 1993: 39). Nota-se que em muitos dos casos existe um afastamento entre a real atuação da mulher na sociedade ao longo da história e o padrão comportamental considerado ideal, estabelecido e perpetuado pela sociedade por meio dos seus interlocutores e que influenciaram ao logo dos séculos na construção da padronização do papel social relativo à mulher. (CRUZ, 2013, p. 5)

(...)

Mesmo eventos de grande impacto sobre a sociedade como a Revolução Francesa, inspirada nos ideais de igualdade, liberdade e fraternidade, não proporcionou grandes alterações na percepção da posição da mulher. Rousseau (ROUSSEAU, 2011: 24) ao escrever o Contrato Social, não favoreceu qualquer preocupação com questões relacionadas ao direito da mulher e sua inclusão nos debates políticos, mas fortaleceu a compreensão do domínio econômico familiar pautado na condição do homem em prover aquilo que for necessário para a sobrevivência, a partir da explanação sobre as primeiras sociedades. (CRUZ, 2013, p.10)

(...)

Mesmo a industrialização não rompeu, mas favoreceu o fortalecimento dos antigos estigmas relacionados à

mulher. As percepções organizadas ao longo do tempo favoreceram o desenvolvimento da preocupação quanto à atuação da mulher em atividades que “naturalmente” não eram vistas como suas. Uma mulher burguesa que tivesse uma ocupação rentável, não era vista como feminina. (CRUZ, 2013, p. 11)

Ao longo da história, a concepção da inferioridade da mulher em relação ao homem foi delineada de forma a amparar os interesses masculinos pelo poder, em uma sociedade patriarcal e machista. Em quase todas as sociedades do mundo, nota-se essa construção enraizada na forma como homens e mulheres se relacionam entre si e com o espaço público.

Na contemporaneidade, mesmo após mudanças sociais, a produção e participação do espaço público pela mulher ainda é pequena, quando não nula, podendo ser considerado este o motivo pelo qual haja diferentes formas de apropriação do espaço entre os gêneros.

Porém, essa perspectiva toma como premissa a mulher branca de classes sociais<sup>1</sup> privilegiadas, que tem seu papel social associado ao de mãe e dona do lar. Mas, é importante destacar a visão interseccional de que a mulher negra estava/está mais expressivamente destinada ao trânsito no espaço urbano, em seus diversos cargos de trabalho, mesmo que ligados à domesticidade, portanto, utilizando o espaço público. Também é importante destacar a subjetividade e objetividade dessa construção social em relação aos aspectos socioculturais de cada povo.

Sendo assim, embora o universo feminino tenha contribuído

tanto quanto os homens para o desenvolvimento socioeconômico mundial, “a mulher ainda tem seu papel associado ao ambiente privado, segregado e distinto do papel exercido pelo homem” (FERREIRA; SILVA, 2017).

Enquanto grupo, as mulheres têm menos chances de serem encontradas na esfera pública do que os homens, e quando o são, têm menos recursos à disposição. (...) Por trás do trabalho remunerado, há um outro tipo de trabalho – o doméstico e de cuidados, que não é pago. Em todas as sociedades contemporâneas sobre as quais temos estatísticas, as mulheres realizam a maioria das tarefas domésticas de limpeza, cozinha, costura, cuidado com crianças e praticamente todo o trabalho com bebês (se lhe parece que o cuidado com crianças e bebês não é um trabalho, é porque você nunca o fez). Esses tipos de trabalho são frequentemente associados a uma definição cultural das mulheres como pessoas cuidadosas, gentis, diligentes, estando sempre prontas para se sacrificarem pelos outros, por exemplo, como “boas mães”. Ser um bom pai raramente é associado a cortar sanduíches da merenda ou limpar a bunda dos nenês. (CONNELL; PEARSE, 2015, p.33)

Santos e Oliveira (2010), compartilham a afirmação de que “socializadas em âmbito privado, coube às mulheres a tarefa de cuidar (...), refletindo-se esses cuidados nas atividades que assumem ao participarem dos espaços públicos” tratando-se da construção social sexuada que reforça a divisão sexual do trabalho “cujo processo de desenvolvimento, contribuiu significativamente para a inferiorização das mulheres”.

<sup>1</sup> Aqui serão tratadas as denominações de classes sociais por faixas de salário mínimo (IBGE).

Correlacionado a esse contexto, as mulheres enfrentam ainda um histórico de dominação também na relação afetivo/sexual, quando equiparado à violência doméstica. Em Maceió, segundo o Mapa da Violência no Brasil (WAISELFISZ, 2015 apud LIMA, 2018), a capital alagoana é a segunda capital mais violenta para mulheres. Em recente dissertação, a advogada Anne Caroline Lima (LIMA, 2018), realiza um estudo sobre a configuração dos casos de feminicídio na cidade, entre os anos de 2012 e 2013, onde afirma que grande parte dos crimes (65,5%) ocorreram nos espaços públicos.

Frequentemente são veiculadas notícias de violência contra mulher nas ruas e no âmbito doméstico, que reforçam a todo momento a disparidade de gênero. No contexto urbano, a evidência de um espaço hostil precisa ser encarada além da locação de seus equipamentos, pois trata amplamente das diferentes formas em que a mulher se apropria do espaço.

Segundo uma pesquisa realizada pelo YouGov e publicada pela Organização Internacional ActionAid (2016), “86% das mulheres brasileiras ouvidas já sofreram assédio em público em suas cidades” e com isso, Brasil lidera o número de assédios contra mulheres (acima de 16 anos) em espaços públicos. Neste estudo, as diversas formas de assédio se apresentam como: assobio, olhares insistentes, ser seguida na rua, homens se exibirem para elas, comentários de cunho sexual, xingamentos e estupro, sendo o espaço público (sair e chegar em casa) e o transportes públicos locais de maior medo dessa violência.

As diversas estatísticas sobre a violência contra a mulher no século XXI associadas a uma análise sobre seu comportamento no espaço urbano vão de encon-

tro às propostas urbanísticas apresentadas no Brasil, especialmente a partir do processo de redemocratização nacional e da Constituição de 1988, revelando em partes um descompasso entre o discurso integrador e democrático dos documentos oficiais e a realidade enfrentada pelas mulheres nas cidades brasileiras, independente do tamanho destas e suas posições na hierarquia urbana nacional. (FERREIRA; SILVA, 2017, p. 3)

O planejamento urbano das cidades brasileiras foi construído com pouca (ou nula) reflexão acerca das diferentes formas de apropriação entre homens e mulheres, gerando espaços inseguros e vulneráveis para as mulheres. Segundo Mildred Warner (2016), professora de planejamento urbano na Universidade de Cornell nos Estados Unidos,

Se perguntar 'uma mulher se sentiria segura andando aqui à noite?' e obter uma resposta positiva provavelmente significa que a maioria das pessoas se sentiria confortável usando aquele espaço. Mulheres podem ser usadas como um termômetro para a segurança e outras prioridades em planejamento. (WARNER apud RODRIGUES, 2017, p. 6)

## 1.2 | A Serraria como cenário

Para compreensão do contexto urbanístico do bairro da Serraria, como cenário de investigação, é importante entender sua inserção no contexto urbano brasileiro (figura 01) e na cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas, situado no nordeste do Brasil: quais as

relações entre aspectos geográficos, infraestrutura urbana, fatores econômicos, mobilidade, uso e ocupação do solo, ou seja, como as características socioespaciais do bairro da Serraria interferem na utilização do espaço público no recorte de estudo.

Figura 01 - Ilustração da localização do recorte de estudo.



Fonte: Autora, 2020.

A Serraria integra o conjunto de cinquenta bairros que formam o município de Maceió, uma cidade conhecida nacionalmente por ser destino de férias e lazer. Entre os aspectos econômicos e sociais, Maceió é uma das nove capitais do nordeste brasileiro que estão em território predominantemente litorâneo, atraindo investimentos econômicos e de infraestrutura destinados as áreas turísticas. Com cerca de 932.748 habitantes, sua principal fonte de renda é a prestação de serviços, o turismo e o setor de comércio.

Em Maceió, o **parcelamento do solo** se dá pela divisão entre planície costeira, planície lagunar e planalto, ou popularmente dividida entre “parte alta” e “parte baixa” e essa distinção é proporcionalmente relativa à obtenção ou não da infraestrutura urbana na cidade. Em geral, na planície costeira os habitantes são de classe A, B e C, com

distribuição de renda entre 03 a 07 salários mínimos, e, em alguns trechos, acima de 07 salários mínimos (IBGE, 2010). Margeada pelo parque linear da Orla Marítima, recebe maior investimento em sua infraestrutura urbana, justificadas pelo teor turístico da cidade. Já na planície lagunar, que margeia a Lagoa Mundaú, seus habitantes vão de extremamente pobres a classe E, com distribuição de renda entre 01 a 02 salários mínimos ou abaixo de 01 salário mínimo. Possui infraestrutura urbana deficiente e pouco investimento socioeconômico. No planalto, essa distinção é melhor equilibrada, tendo em sua maioria bairros de classe C e D, mas possuindo também bairros com picos extremos entre os aspectos econômicos, como o bairro Jardim Petrópolis que concentra uma distribuição de renda acima de 07 salários mínimos e o bairro do Benedito Bentes com distribuição de renda entre 01 a 03 salários mínimos (IBGE, 2010). Quanto à infraestrutura urbana, no planalto, essa distinção também ocorre quando equiparado aos aspectos econômicos. As principais avenidas e os bairros com maior concentração de renda são, geralmente, os que recebem maior investimento em soluções urbanas.

As classes dominantes detentoras do capital, tendem a instalar-se nos territórios valorizados pelo mercado imobiliário, cuja geografia e a infraestrutura são adequadas para construção. Sobram, então, aos menos favorecidos a ocupação de áreas ilegais e impróprias (por seus níveis de periculosidade) como as margens insalubres, as encostas com inclinações elevadas e as ravinas (grotas) invisibilizadas, no caso da cidade de Maceió/AL (MACEIÓ, 2005). Ou ainda aquelas de pouco valor para o sistema capitalista, como é o caso dos Conjuntos Habitacionais Degradados, corres-

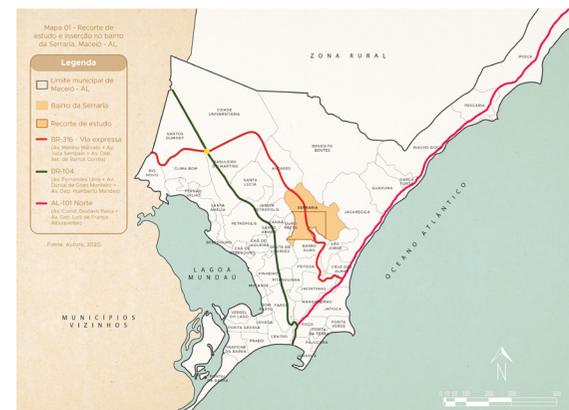
pondentes às periferias longínquas das cidades, distante das centralidades e sem a infraestrutura básica necessária para uma moradia digna. (SIMÕES, 2020, p. 22)

Inserido **geograficamente** no planalto da cidade de Maceió, ou “parte alta da cidade”, o bairro da Serraria localiza-se ao “centro” entre as extremidades do município. É cortado por uma das principais vias da cidade, a Av. Menino Marcelo (ou BR-316, ou, popularmente conhecida por Via Expressa), que liga a parte alta a parte baixa, sendo também uma das principais rotas para a BR-104 e AL-101 NORTE, que fazem ligação com municípios e Estados vizinhos. Além disso, no recorte investigado a Av. Presidente Getúlio Vargas faz conexão direta entre a Av. Menino Marcelo (BR-316) e a Av. Fernandes Lima (BR-104), as duas principais e mais movimentadas avenidas da cidade.

Em termos de **mobilidade urbana**, o recorte de estudo é constituído por 03 vias coletoras e 01 via expressa, que configuram o acesso do transporte público e dos automóveis particulares, além de concentrar comércios e serviços que dão suporte aos moradores. Nelas, há a maior movimentação de pedestres e automóveis, com poucas faixas de segurança, poucos sinais de trânsito e nenhuma ciclovia ou ciclofaixa. Configurando-se majoritariamente por vias locais que dão acesso às residências, o pequeno número de faixas e sinais revelam que o recorte pode ser mencionado como um ambiente de movimentação moderada (mapa 02). Particularmente, posso mencionar que, com exceção da Via Expressa, atravessar essas vias não é um ato difícil porque o movimento entre os carros dá “tréguas” e facilitam a passagem. Mas, é importante mencionar que os motoristas maceioen-

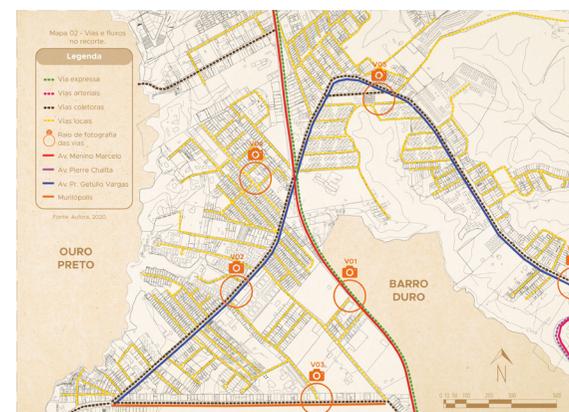
nem sempre param para os pedestres e que isso muitas vezes gera uma espera de pelo menos 1 ou 2min para atravessar em horários de pico.

Mapa 01 – Recorte de estudo e inserção no bairro da Serraria, Maceió - AL.



Fonte: Autora, 2020.

Mapa 02 – Vias e fluxos no recorte.



Fonte: Autora, 2020.

Mapa 01 - Recorte de estudo e inserção no bairro da Serraria, Maceió - AL.

### Legenda

-  Limite municipal de Maceió - AL
-  Bairro da Serraria
-  Recorte de estudo
-  BR-316 - Via expressa  
(Av. Menino Marcelo + Av. Juca Sampaio + Av. Dep. Ser. de Barros Corrêa)
-  BR-104  
(Av. Fernandes Lima + Av. Durval de Góes Monteiro + Av. Dep. Humberto Mendes)
-  AL-101 Norte  
(Av. Comd. Gustavo Paiva + Av. Gen. Luiz de França Albuquerque)

Fonte: Autora, 2020.

MUNICÍPIOS VIZINHOS



Mapa 02 - Vias e fluxos no recorte.

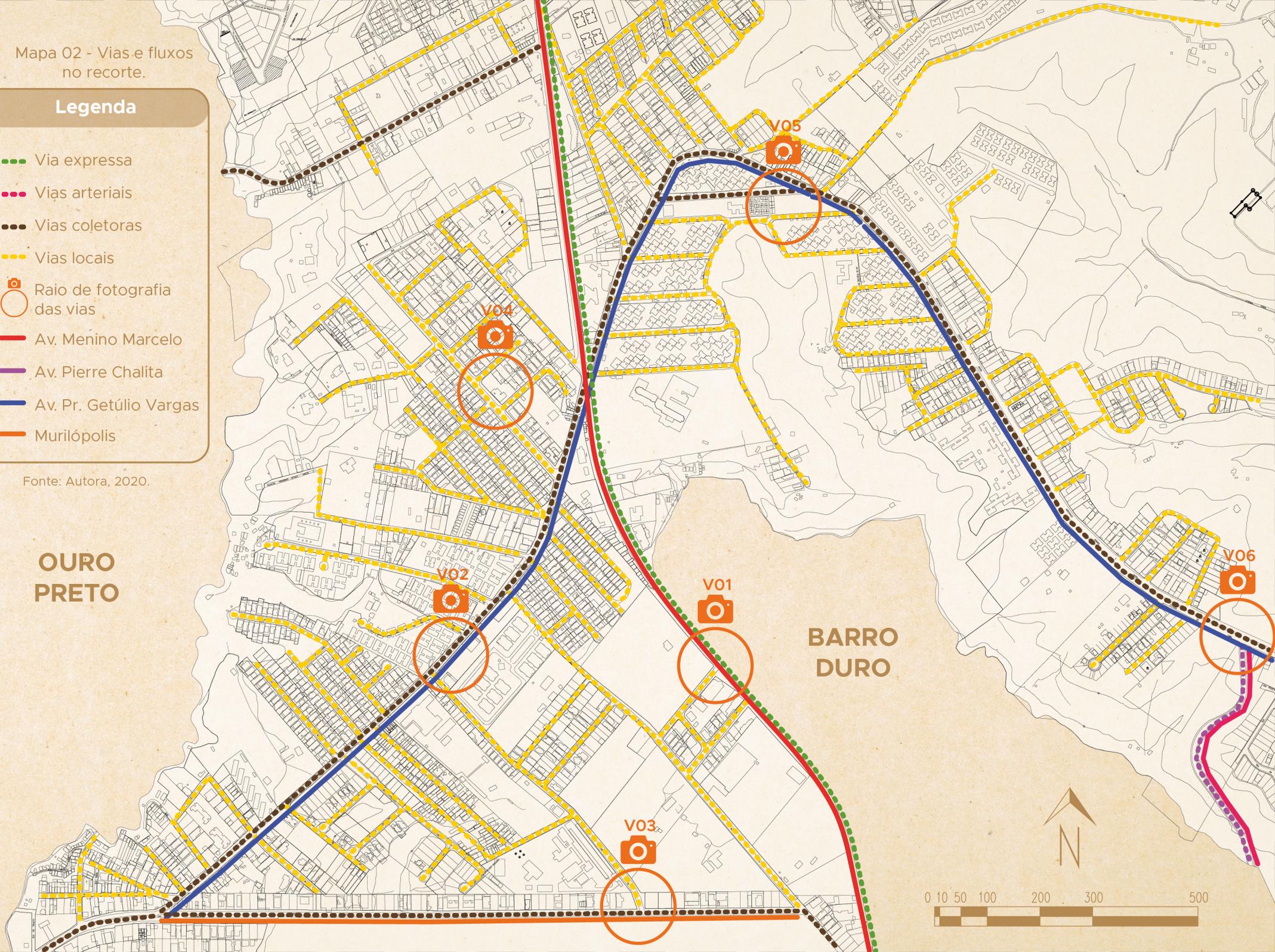
### Legenda

- Via expressa
- Vias arteriais
- Vias coletoras
- Vias locais
- 📷 Raio de fotografia das vias
- Av. Menino Marcelo
- Av. Pierre Chalita
- Av. Pr. Getúlio Vargas
- Murilópolis

Fonte: Autora, 2020.

**OURO  
PRETO**

**BARRO  
DURO**



0 10 50 100 200 300 500



📷 V01



📷 V02



📷 V03



📷 V04



📷 V05



📷 V06

Segundo IBGE (2010), a população da Serraria possui distribuição de renda entre 03 a 07 salários mínimos, configurando-se a classe C. Percorrendo o recorte nota-se esse perfil econômico refletido tanto na paisagem urbana através dos tamanhos e estilos das edificações, quanto no preço médio dos produtos e serviços oferecidos (tabela 01).

Tabela 01 - Demonstração econômica de produtos e serviços oferecidos no bairro da Serraria, Maceió – AL.

Itens	+ caro	+ barato
Padaria (kg do pão francês)	R\$11,99	R\$5,90
Prato feito (quentinha)	R\$17,00	R\$12,00
Unha (pé e mão)	R\$40,00	R\$15,00
Corte de cabelo (feminino)	R\$60,00	R\$10,00
Academia (kg do pão francês)	R\$120,00	R\$70,00
Aluguel (apartamento)	R\$1.600,00	R\$600,00

Fonte: Autora, 2020.

A **paisagem urbana** é caracterizada por um relevo de platô e vales. A ocupação urbana é realizada quase completamente no platô, com terrenos pouco acidentados, mas os vales formam um aspecto interessante para a dinâmica do bairro, já que boa parte está ainda preservada e outros trechos estão sendo ocupados por condomínios residenciais de classe B. Além disso, é importante mencionar que no bairro circunvizinho, Ouro Preto, a ocupação dos vales é realizada quase que predominantemente por uma população da classe E. Uma relação interessante de ser observada e relatada no território de Maceió, onde há ocupação de territórios como vales e grotas por pessoas com menor e maior poder aquisitivo, mas encaradas de formas distintas pela população e pelo poder público. Quando ocupados pela população de menor poder aquisitivo, é marginalizada. Quando ocupados pela população de maior poder aquisitivo, é estimada.

Caminhando pelo bairro essa diferença entre platô e vale pode passar despercebida já que a configuração das edificações reforça a horizontalidade do bairro, com a grande maioria de edificações com até 02 pavimentos. Ainda assim, o processo contemporâneo urbano de verticalização tem sido sentido no bairro pela construção recente de edificações com mais de 15 pavimentos. E, ainda que poucos, já causam efeitos notáveis na paisagem e na perspectiva econômica.

Durante os mais de 18 anos vividos no recorte, pude notar que a paisagem urbana, apesar de receber algumas mudanças, não foi afetada bruscamente. Com exceção do que hoje é um grande edifício empresarial e parte de uma antiga churrascaria, nenhuma outra edificação foi derrubada e refeita, mas houve a ocupação de grandes terre-

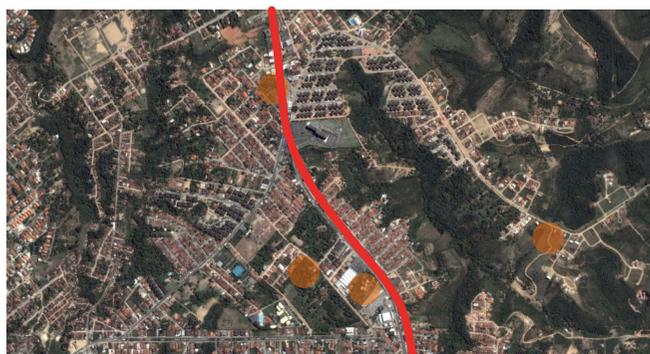
nos vazios para construção de edifícios, condomínios residenciais, galerias, hospital, praça e a mais expressiva: a construção da Av. Pierre Chalita (figura 02).

Figura 02 - Panorama histórico das mudanças urbanas no bairro da Serraria, Maceió - AL.

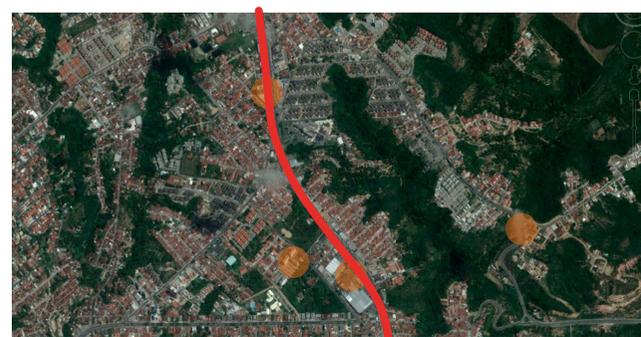
Fonte: Autora, 2021 a partir de Google Earth, 2021.

LEGENDA:

- BR-316 - Av. Menino Marcelo (Conhecida como Via Expressa)
- Pontos citados no texto como mudanças significativas para o recorte.



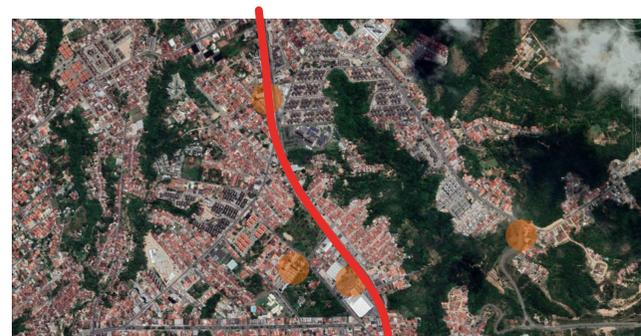
2002



2018



2009



2020

Nos aspectos de horizontalidade da paisagem do bairro, as relações entre vias, fluxos, serviços e moradia se associam em um canal de proximidade entre os habitantes e transeuntes, mas em contrapartida, o gradativo fechamento de vias para efeito de “condomínio” afasta a plena ocupação dos espaços. Só no trecho de recorte pude contabilizar 06 “condomínios” residenciais, ou melhor, 06 ruas fechadas com portões e guardadas por porteiros que delimitam quem entra e quem sai (figura 03).

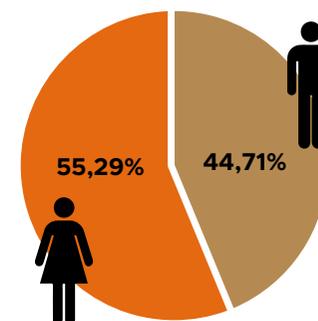
Figura 03 - Rua fechada por portão, conhecida como “condomínio” pelos moradores, no bairro Serraria, Maceió - AL.



Fonte: Autora, 2020.

Quantificando a população do bairro, segundo IBGE (2010), há cerca de 22.675 habitantes no qual 12.539 são mulheres e 10.136 são homens, sendo as mulheres 55,29% da população total (gráfico 01). Além disso, também segundo os dados censitários, jovens e adultos são maioria quanto a faixa etária. Porém, é importante destacar que o espaço temporal de pesquisa deste censo (2010) é grande do atual, e, já nota-se uma população idosa expressiva no recorte.

Gráfico 01 - População feminina e masculina no bairro Serraria, Maceió - AL.



Fonte: Autora, 2019 a partir de IBGE, 2010.

Quanto à distribuição racial (PATA, 2015), o bairro da Serraria é apresentado com manchas que representam uma maioria de brancos e pardos, mas com presença também notável de pretos/negros. Apesar de compreender a importância da interseccionalidade para o debate de gênero, é importante mencionar que este trabalho tomará como partido especificamente o contexto feminino, sem aprofundar questões relativas à raça não por fechar os olhos ao debate, mas por efeito de recorte de estudo.

### 1.3 | Espacialização da memória

Por ser parte fundante de uma inquietação pessoal, a minha percepção sobre o espaço está intimamente ligada aos aspectos empíricos vividos. Mesmo me colocando como pesquisadora nesta investigação, é intrínseco a mim minha condição de mulher e as questões que levanto.

Para melhor ilustrar as perspectivas e narrativas, vou separar os fatos por conjunto de séries escolares, pois essa sempre foi a forma como organizo os meus pensamentos e acontecimentos pessoais, de modo a lembrar mais claramente dos fatos. Também é importante destacar como plano de fundo que minha mãe é proprietária de um comércio no bairro que, apesar das mudanças de endereço, também sempre esteve locado na Serraria, portanto, mesmo não habitando atualmente no bairro, ainda tenho relação direta com os serviços ofertados nele.

#### **Da 3ª à 5ª série: um novo caminho.**

*O ano é 2002, eu tinha por volta dos 7 anos e acabava de chegar no bairro da Serraria, onde eu iria morar, crescer e viver. Para os meus pais já era uma dinâmica conhecida, pois eles tinham começado a vida de casados ali, para mim, uma nova experiência. Sigo crescendo e vivendo minhas experiências nesse bairro, na dinâmica de sempre está de mudança (literalmente). Na minha família, mudar de casa é comum e muitas vezes necessário, então moramos desde a Rua Nabal (no fim da Av. Pres. Getúlio Vargas) até o Residencial Vale da Serraria (no meio*

*do Cj. José Tenório). Durante os 18 anos no bairro, percorremos diversas dinâmicas de habitação e, portanto, de caminhos.*

*Nesse período, tudo era novo. Eu acabava de sair da alfabetização em uma escola que eu frequentava desde que tinha ingressado no mundo escolar e iria, além de conhecer uma nova dinâmica de habitação, uma nova dinâmica escolar. Morávamos no início do Cj. Rui Palmeira e estudava em uma escola que ficava só 500m de distância. No início, lembro-me da moça que levava e buscava eu e minha irmã. Lembro-me do caminho na Rua Adolfo Gustavo, lembro-me de caminhar rápido (mapa 03).*

*Posteriormente, nos mudamos para o Residencial Vale da Serraria, no Cj. José Tenório, onde meu pai passou a fazer a função do transporte escolar. Como ele não paga o transporte público por sua profissão, íamos e voltávamos de ônibus ou, às vezes, de automóvel particular (mapa 03). Nessa dinâmica, lembro-me de sempre ter a companhia de uma mulher e uma criança que também estudava na mesma escola. Era um caminho deserto até o ponto de ônibus e acredito que a presença do meu pai possa ter sido representada como fator de segurança para essa mulher que nos acompanhava.*

*Nessa escola, as aulas de Educação Física eram em um ginásio no Cj. José Tenório. Eu já morava bem perto dele e minha mãe trabalhava na mesma rua, então era comum o trajeto a pé entre as ruas do Residencial e do Conjunto. Na minha família, somos 3 filhas, meu pai e minha mãe e, desde cedo, tínhamos autonomia e necessidade de ir e vir que resultaram algumas vezes em caminharmos sozinhas. Nesse percurso existia um terreno abandonado, coberto de matos, que era o caminho mais rápido para chegar em casa. Lembro-me de as vezes ir*

*pelo caminho mais longo e também deserto, ou, de correr para atravessar esse atalho. Apesar de recordar dos caminhos com certa apreensão, lembro-me (e minha irmã também me recorda) de que brincávamos muito na rua e nos sentíamos tranquilas.*

*Ainda durante esse período, nos mudamos novamente e fomos morar na Rua Nabal, no comecinho da Av. Pres. Getúlio Vargas e na divisa com o bairro Ouro Preto. Lá vivi uma nova transição de percursos, experiências e desafios.*

### **Da 6ª série ao 3º ano: a consolidação da reza.**

*Existe um sentimento entre os jovens pré-adolescentes e adolescentes de que os perigos valem a pena quando se está descobrindo o mundo. Durante esse período eu morei da Rua Ailton Torres ao Cj. Rui Palmeira (mapa 03), que possuíam em comum um pensamento: “eu preciso estar na rua, é inevitável, então se preciso passar por esses caminhos não há outra coisa a fazer se não rezar.”*

*Nesse período, a Rua Ailton Torres era composta por um caminho angustiante: de um lado um terreno vazio, coberto por vegetação e quase sem iluminação, onde hoje é o Residencial Parque das Palmeiras, e do outro, um grande muro cercado que fazia a divisão de um condomínio de classe B. Ir e vir, caminhar nesse trajeto sempre foi uma necessidade, afinal eu precisava ir à escola e transitar pelo bairro, então eu me utilizava de dois mecanismos de proteção: caminhar muito rápido e rezar. A partir do explanado no tópico anterior, eu continuo sofrendo ações de assédio, principalmente na Av. Pres. Getúlio Vargas, e nesse quesito, também utilizava o mecanismo de proteção de olhar pra baixo e caminhar muito rápido, mas de uma forma que não despertasse a atenção.*

*Também nesse período, existia uma conexão de amizade entre os e as jovens do bairro, onde o maior “passatempo” era percorrer o bairro, conversando, rindo e fazendo coisas de adolescentes. Nós éramos ávidos pelo espaço público, que representava naquele contexto, liberdade. Pela falta de um espaço livre público na Av. Pres. Getúlio Vargas, utilizávamos como ponto de encontro e permanência a esquina da Rua Palmeira dos Índios (próximo a escola Fundação Bradesco, onde boa parte estudava), a antiga sorveteria Illa (em frente a escola Fundação Bradesco) que mesmo sendo privada tinha um espaço bem aberto, e, as calçadas das nossas casas. Estávamos quase sempre em bando, algumas vezes só de meninas, outras vezes com meninos e meninas. A frase inicial desse tópico representa o que aqui a gente vivia, pois quase sempre transitávamos por ruas e em horários com baixo fluxo de pessoas, porém, como estávamos em grupo, sentíamos seguros e seguras.*

*Posteriormente, essas relações foram se esfriando e paramos de fazer esse tipo de uso no bairro, dando lugar a outras dinâmicas. Entre o contexto escola, casa e idade, haviam outras descobertas e uma delas o início do que hoje são as mídias sociais, então boa parte do tempo de lazer era vivenciado nesse uso e a outra parte em ir para casa de amigos(as). Também foi um período onde eu ia a muitas festas e, portanto, chegava de madrugada. Nessa dinâmica, sempre houve o uso de automóveis particulares para o transporte, prezando pela segurança tanto no trajeto quanto dentro do bairro. Além disso, em um curto espaço de tempo, precisei fazer curso pré-vestibular e chegava muito tarde em casa. Era sempre uma angústia caminhar pela “Rua dos Bombeiros” que tem uma iluminação deficiente e diversas garagens cobertas (ocupando a faixa frontal das calçadas) que facilitam ações de violência.*

Nesse cenário, consolida-se em mim ruas e trajetos nas quais, até hoje, eu não faço sozinha e outros que, por ter sofrido intervenções, mudou esse aspecto em mim (mapa 03). Por exemplo: i) no trecho que vai da escola Fundação Bradesco até o edifício Arte Vida II, eu continuo a andar pela calçada com mais insolação e mais ampla (hoje ocupada por vários pontos comerciais), do que pela calçada com sombreamento; ii) eu não caminho sozinha pela Av. Dep. César Eustáquio Malta Amaral (mesmo que isso represente ter que ir por um caminho mais longo); iii) eu não caminho sozinha pela rua Travessa Presidente Getúlio Vargas; iv) antigamente eu caminhava muito com esses amigos e amigas pelas ruas projetadas R.A., R.E., R.F. e Rua Luís de Moura, hoje eu não caminho mais e principalmente sozinha; v) na Rua Adolfo Gustavo, antes da construção do Residencial Sierra Park e do recapeamento da via eu nunca caminhava por lá sozinha, hoje eu caminho, mas apenas do trecho que compreende a Av. Pres. Getúlio Vargas e a esquina do Colégio São Judas Tadeu, mas nunca caminho sozinha pelo trecho atrás dos supermercados; vi) no Cj. José Tenório eu só percorro sozinha a avenida principal e nunca as ruas dos condomínios residenciais, e, se precisar chegar de alguma forma nessas ruas, nunca o faço caminhando (mapa 03).

### **A entrada na Universidade.**

Ao passo do amadurecimento físico e mental, alguns desafios são vencidos, outros surgem, outros dão lugar a novos sentimentos e outros são dissolvidos. Nesse período aprendi a lidar com os assédios de uma forma que eu não julgo correta ou incorreta, mas que é a forma

que eu faço, que é a de encarar os olhares e evitar espaços inseguros. Percebo também que nesse período recebo menos ações de assédio do que quando criança.

Diante da rotina frenética, a Universidade tem mais espaço temporal no cotidiano e outro clima surge: o de precisar sair tarde da Universidade, pegando um ônibus que tem parada distante e, ao chegar no bairro, transitar por uma avenida que já é escura e com menor movimento. Aqui os velhos e consolidados mecanismos de proteção acendem e outro surge: o de mesmo pagando mais uma passagem, preferir pegar dois ônibus para descer em um ponto de ônibus mais perto de casa (mapa 03). Nesse cenário sempre participei da experiência de nos agrupar (na maioria mulheres) para atravessar a rua e de diminuir ou apertar o passo ao entrar em outra rua mais esquisita, para ficarmos mais próximas.

Apesar das adversidades, sempre me deparei com um bairro que tem uma população muito equilibrada quanto ao gênero e com mulheres que, sofrendo ou não com assédio e insegurança, precisam estar no espaço público desempenhando diversas atividades. Sempre foi comum escutar estratégias de proteção como: ficar atenta e pronta para correr ou se agrupar a outras mulheres. E, apesar de, sempre vivi em um espaço onde os olhares femininos se cruzam dando segurança, mas que não debatem o espaço público e o que vivem nele.

Atualmente não resido no bairro, mas em outro bairro vizinho. Minha mãe continua com seu comércio instalado na Serraria e eu consumo muitos serviços dentro dele, o que me faz continuar a ter uma relação muito próxima.

Mapa 03 - Trajetos pelos quais percorro ou não sozinha no bairro.

### Legenda

- Trajeto que percorro sozinha
- Trajeto que não percorro sozinha
- Trajeto que nunca caminhei
- Ruas fechadas por portões - "condomínios"

Fonte: Autora, 2020.

**OURO  
PRETO**

**BARRO  
DURO**





**Configu-  
rando  
a escuta**

## 2.1 | Parar, olhar, sentir

Nos primeiros dias, sinto-me com o olhar perdido. O que devo observar? Caminho, paro, olho. Aos poucos vou tentando não interferir na dinâmica do outro, deixando-o ser o que é, vendo seu movimento e o que seu corpo comunica. Sinto-me um objeto estranho, mesmo já fazendo parte daquele bairro há tantos anos. Meu corpo também anuncia suas táticas de defesa e de expressão no ambiente público. Naturalmente escolho percorrer primeiro a calçada que mais sinto-me confortável, paro no ponto de ônibus que tem mais movimento, paro perto de estabelecimentos comerciais para fazer anotações ou observações e caminho rápido em alguns trechos. Como pesquisadora, minha mente também anuncia que é preciso se desvencilhar das seguranças, que é preciso se demorar mais em alguns trechos, caminhar mais devagar, parar em locais que não sejam confortáveis e sobretudo, estar atenta à dinâmica. Aqui, a contrariedade de papéis se complementa: sou um objeto estranho pesquisador, mas sou também sujeito de estudo.

Instalada na deriva, começo a perceber algumas dinâmicas que antes não eram evidentes para mim e outras que já faziam parte do meu cotidiano no bairro. Inicialmente, meus olhos são direcionados para a pluralidade de idade entre as mulheres e sua quantidade no espaço público.

Posteriormente, começo a observar o que o corpo dessas mulheres estão comunicando e suas situações: i) aglomeradas em pontos de ônibus, ii) carregando sacolas de compras (em sua maioria de alimentos), iii) passeando com animais, iv) acompanhando crianças

e/ou idosos(as), v) trajando roupas para exercício físico, vi) transitando e vii) permanecendo. Continuo as observações em diferentes dias e horários, e já noto a repetição desses padrões.

Algumas situações se apresentam quase como uma dança. A mulher sai para trabalhar, estudar ou resolver suas questões. Utilizando o transporte público, um automóvel particular ou a pé. Se for usar o transporte público se aglomera a outras mulheres no ponto de ônibus ou um pouco mais afastado. Sai, volta. Faz compras. Passeia com o animal. Acompanha crianças e/ou idosos(as) em suas atividades (muitas dessas crianças para o “parquinho” e/ou escola). Faz exercício físico. Para no espaço público para uma conversa, mas não por muito tempo. Transita, para, volta pra casa.

Diante das visitas in loco, observo que o bairro compõe-se por um número proporcional de homens e mulheres na utilização do espaço urbano, porém, comportando-se de maneira distinta. Tanto na Av. Presidente Getúlio Vargas, quanto no Conjunto José Tenório, a dinâmica e percepções de comportamento são semelhantes. Noto que algumas mulheres reproduzem comportamentos relacionados as atividades domésticas como fazer as compras, passear com animais e/ou acompanhar crianças e idosos(as) em alguma atividade. Os homens também aparecem realizando essas atividades, mas em um número inferior ao de mulheres. Por exemplo, em um dia de observação na Praça do Bicentenário, no Conjunto José Tenório, contabilizei 10 mulheres X 3 homens cuidando de crianças no parquinho. Uma disparidade de 70% feminina.

Também por essas andanças, noto uma maior proporção das mulheres transitando e de homens permanecendo no espaço público.

Em todos os dias de observação, apareceram grupos de homens sentados em calçadas ou a frente de estabelecimentos comerciais, conversando e observando a paisagem, enquanto as mulheres se apresentavam em sua maioria, transitando. Percebo que esse comportamento também fala sobre os equipamentos urbanos, sobre onde as mulheres passam ou deixam de passar, em quais calçadas, ruas e trechos há menor ou maior movimentação de pedestres, quais pontos comerciais e de serviços são polos de atração ou de repulsão.

Questiono-me e sinto a necessidade de ouvir essas mulheres. Elas se sentem seguras nesse bairro? Como é ser mulher e estar nos pontos de ônibus desse recorte? Como é ser mulher e caminhar por ele? A infraestrutura urbana interfere na utilização do espaço público? Existe algum trecho que elas não caminham sozinhas? Elas já foram assediadas? Elas percebem que realizam papéis de domesticidade no espaço social? Como é ser mãe e utilizar esse espaço público com uma criança? Como é caminhar por ele com roupa “fitness”? Enfim, inúmeros questionamentos que só podem ser respondidos por elas e que, portanto, precisava haver uma escuta pessoal das suas experiências.

## 2.2 | Muito a escutar.

Nas minhas primeiras aspirações sobre investigar o contexto feminino no bairro da Serraria, a participação ativa de voz e escuta delas era indiscutível. Participação. Palavra e contexto que muito me foi dito sobre pesquisar e projetar para pessoas, durante minha construção profissional. Acreditei desde o início que eu, mesmo tendo muito a dizer, precisava primeiro muito escutar e fazer dessa pesquisa um coletivo.

Meus primeiros passos indicavam uma ação instintiva de querer dialogar sobre os pontos negativos que eu tinha passado nos espaços públicos do bairro, mas meu coração também me indicava que eu deveria olhar o todo, para além das minhas experiências pessoais. Um não foi excludente ao outro. De fato, as singularidades de trechos, na Serraria, que me proporcionam recusa é de tal importância e não devem ser tirados de contexto, como também os lugares pelos quais me sinto segura e tenho o que dizer são proporcionalmente diálogos projetuais urbanísticos. Somos muitas e tantas mulheres que corriqueiramente transitamos e nos entreolhamos e nos sentimos presentes e seguras umas com as outras. Somos tantas e temos também tantas particularidades econômicas e sociais, que nos fazem caminhar por trajetos diferentes ou ter o privilégio de nem caminhar por um espaço vulnerável.

Participação – ativa - era realmente o único caminho de construção dessa pesquisa. Sendo assim, começo a traçar as direções para que essa escuta seja proporcionada. De cara, compreendo que o caminho “tradicional” de investigação, onde o pesquisador toma como premissa um embasamento teórico antes de, conhecer e observar o objeto de estudo, seria descuidado. Primeiro porque, no âmbito do urbanismo, a construção de gênero como objeto de estudo para planejamento urbano é pouco discutida e, portanto, limitada. Segundo, porque, a pesquisa trata-se de pessoas e suas singularidades sociais de enfrentamentos diários. Sendo assim, tomo como caminho: a prática como embasamento e a teoria como entroncamento.

Lanço-me a pensar no processo de escuta por dois caminhos: observação e entrevista. Primeiro a observação do recorte, para me

submeter a novos olhares e sensações. Depois a entrevista, para compreender e escutar o que as mulheres têm a dizer sobre aquele espaço público na sua perspectiva real.

Entretanto, este trabalho foi imprevisivelmente construído em dois contextos temporais físicos diferentes: anterior e durante a pandemia da Covid-19<sup>2</sup>, que alteraram a utilização do espaço público mundial, portanto, duas construções de análise foram feitas.

Antes da pandemia, quando não se tinha nenhuma ideia do que poderia vir a acontecer com o mundo e as relações urbanísticas se mantinham no mesmo processo de ocupação, lanço-me ao processo de observação do espaço, nos termos em que a deriva e a errância urbana me embasam (Careri, 2017). Posta a caminhar, observar, parar, olhar, sentir, perder-se, deixar o outro ser ele, ser ela. Opto por caminhar no recorte em dias, horários e climas específicos, distribuídos ao longo da Av. Pres. Getúlio Vargas e parte do Conjunto José Tenório, que me trazem epifanias distintas e um olhar diferente as ações humanas. Logo sinto a necessidade de escutar as mulheres e de questioná-las sobre a utilização do espaço público da Serraria: quais são seus enfrentamentos diários? A infraestrutura urbana interfere negativamente ou positivamente na ocupação do espaço livre público? Todas as mulheres que transitam pela Serraria sentem-se seguras?

O sujeito arquiteto-urbanista não poderia jamais – para não projetar espaços espetacularizados ou desen-

carnados – se esquecer de se relacionar fisicamente, eu diria até mesmo amorosamente, com a cidade em si, o seu objeto. A distância, ou descolamento, entre sujeito e objeto, entre prática profissional e vivência-experiência física da cidade, se mostra desastrosa ao se eliminar o que o espaço urbano possui de mais urbano, que seria precisamente seu caráter humano, ou pior, ao se eliminar o que de mais humano tem o homem: seu próprio corpo. Nosso corpo físico e o corpo da cidade, e as suas respectivas carnes, se encontram, se tateiam e se atritam nos espaços públicos urbanos. (JACQUES, 2005, p. 24)

Na incumbência de observar e analisar o que encontrava no recorte, vários questionamentos surgiam e se instalavam. Caminhando percebo que a observação e a escuta das mulheres eram a dupla que se interpelaria de modo harmônico. Nesse passo, começo a listar minhas indagações para as mulheres do bairro e sistematizar a melhor maneira de abordagem.

No início da pandemia da Covid-19 (2020), que nos traz a realidade de um isolamento social em massa, como medida para o controle do avanço da doença, no Brasil, os estados tomam a autonomia sobre os decretos que instituem o que é permitido ou não e, no estado de Alagoas, é definido que espaços públicos e privados, que não façam parte da lista de itens essenciais, não podem ser utilizados.

O mundo se vê em um contexto totalmente atípico de isolamento. Alguns(as) também são interpelados a continuar trabalhando por se fazer necessário nos serviços essenciais, principalmente os(as) profissionais da saúde. Nesse cenário, cidades superpopulosas e movimentadas agora estão desertas e isoladas. Os espaços públicos já não

<sup>2</sup> Segundo a Organização Mundial da Saúde (2021), “A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca.”. No início do ano de 2020, a doença se propagou mundialmente, levando milhões de pessoas a morte e alterando drasticamente as relações sociais, econômicas e de saúde. Isolamento social e medidas de higienização como a utilização de máscara, álcool e distanciamento, tornaram-se fundamentais para contingenciamento da doença.

podem ser ocupados e as relações sociais urbanas são completamente afetadas.

Ainda assim, era preciso escutar as mulheres da Serraria e só a observação me levaria ao erro de julgar a perspectiva feminina do bairro por um olhar limitado. A ânsia de escutá-las presencialmente já não seria possível e novas estratégias precisariam ser adotadas. Nesse novo cenário a internet se mostra como um dos principais meios de comunicação e as plataformas digitais se tornam um canal efetivo de troca, debates e estreitamento do vínculo afetivo entre as pessoas. Desse modo, me vejo na direção de utilizá-la como um intermediário da escuta.

Primeiro, é importante destacar que as plataformas digitais de formulários já era uma ferramenta que teria sido utilizada mesmo sem o contexto da pandemia, pois suponho que mesmo presencialmente, as conversas com as mulheres do bairro não abarcaria um número significativo de respostas. Agora, com o cenário completamente virtual, o formulário toma uma força importante no caminho da escuta e estrutura um questionário com as principais perguntas a serem feitas as mulheres do bairro. Tudo o que eu tinha visto in loco e queria ouvir a opinião delas foi questionado, além de outras contextualizações que precisariam ser estruturadas. Porém, utilizá-lo como única ferramenta de escuta poderia gerar respostas pouco conectadas e críticas.

Mesmo sendo a internet um local de atração de pessoas, ela também pode ser um divisor se o que está sendo posto for interpretado errado. Desse modo, decido somar ao formulário uma nova ferramenta virtual, que no âmbito da pesquisa acadêmica é pouco utilizada: a plataforma digital *Instagram*. Em 2020, ela era uma das redes

sociais mais utilizadas no Brasil e possuía diversos artifícios de interação entre perfis e usuários. Sendo assim, havia um potencial próspero de escuta sobre questões que tocam a população.

Nasce dessa necessidade o perfil [@seessaruafossefeminina](#), um espaço virtual de debate e escuta sobre o espaço público da Serraria pela ótica feminina. E, nascer, é realmente o melhor verbo para ilustrar o caminho de desenvolvimento desse perfil. A internet e especialmente o Instagram são, hoje (2021), locais de grande visibilidade estética e apelo visual, onde é preciso utilizar-se de artifícios também visuais para atração do público. Sendo assim, havia a necessidade de um estudo estético sobre a identidade visual da página, desde o nome até elementos visuais como escolha da paleta de cores e tipografia. Desde o início, minha aspiração era abarcar o máximo de heterogeneidade que essas ferramentas pudessem alcançar no que diz respeito a faixa-etária, estilos, raça e perfil, e, a estética precisaria solucionar essas questões.

É importante destacar que ao decidir por um espaço virtual onde é necessário o mínimo de estrutura econômica para o acesso e, portanto, interação, consequentemente a pesquisa já desatende uma parcela da população que não possui condições financeiras para tal. Nesse aspecto, o contato presencial teria tido maior sucesso e, portanto, heterogeneidade de construção crítica, mas ao passo que utilizar-me dessa metodologia era inviável por força maior, a internet me traz um caminho que reduz o grupo de escuta, mas que ainda assim traz resultados expressivos. Em segundo plano, tratar de um canal tecnológico contemporâneo, onde a população participante ainda é majoritariamente jovem, também recorta a escuta e diminui a participação de

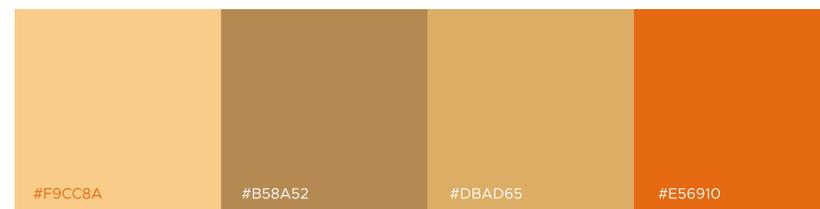


mulheres idosas, por exemplo. Nesse caso, passo a construir a identidade visual da página sabendo dos recortes que inevitavelmente estariam sendo impostos, mas consciente de que ainda assim, teria que ser realizado de modo a acolher o máximo de mulheres que pudessem chegar.

Construo então, pontos que na minha estruturação cultural e pessoal, pudessem ser atraentes. Desenvolvo um fluxograma de elementos a serem destacados e outros a serem evitados na estética da página e a partir disso construo uma identidade visual sem a utilização de cores estereotipadas e com uma linguagem aberta sobre o conteúdo (figura 04). Começo todo o processo pela escolha do nome, que se torna diferente do previsto inicialmente para o título do trabalho. Chegando ao título “E se essa rua fosse feminina?”, provoço a reflexão de que a rua não é pensada para as mulheres e, portanto, precisa ser questionada. Pensada a partir da cantiga popular “Se essa rua fosse minha”, que me desperta desejos para uma rua que tomo como posse e, portanto, mando ladrilhar para que o meu amor passe, indago sobre a rua como palco de mulheres que vivem enfrentamentos diários e reais no cotidiano urbano e como isso é tomado ou negado no planejamento urbano contemporâneo. A partir disso, seleciono sensações a serem transmitidas pela página: reflexão, urbanidade, contato pessoal, informalidade, feminilidade e coletividade, e, o que não queria que transmitisse: agressividade textual e elementos estereotipados de cores e ícones (flores e delicadeza).

Figura 04 - Logotipo e identidade visual para a página @seessaruafossefeminina.

Fonte: Autora, 2020.



SE ESSA RUA FOSSE FEMININA?

Solucionadas as questões estéticas, o próximo passo seria tornar a página e o formulário públicos. Feito isso, ao longo do processo, as especificidades das ferramentas foram sendo vistas, compreendidas e ajustadas de modo a alcançar melhores resultados. Estar aberta às mudanças de abordagem foi crucial para o caminho da escuta qualitativa e quantitativa. O Instagram é uma plataforma de interatividade que faz parte de um entretenimento escolhido pessoalmente pelos(as) usuários(as) e utilizado cotidianamente, já o formulário é lido e respondido apenas uma vez e em poucos minutos. Ambos trouxeram desafios de construção textual, visual e de layout, mas com aspectos distintos: o Instagram me dava desafios diários de como alcançar as mulheres, fazer com que elas respondessem e fossem críticas/reflexivas, já o formulário, desafiava - de uma única vez - a construir um questionário que pudesse ser lido de modo prático, que prendesse atenção até o final e que fizesse com que as mulheres respondessem os questionamentos de um modo livre e aberto.

Quanto ao Instagram<sup>3</sup>, durante sua utilização (2020), a plata-

<sup>3</sup> Para efeito de elucidação, é importante deixar claro alguns termos relacionados a plataforma Instagram (2020/2021): i) feed – é a página do perfil onde ficam armazenadas as publicações (fotos, vídeos, igtv, reels, etc), pelo tempo que você desejar e as informações de biografia; ii) story ou stories – é o local na qual é permitido publicar fotos, enquetes, vídeos, links, entre outros, mas com uma curta duração de tempo (24h); iii) destaques – ferramenta dentro do feed que fica abaixo da biografia, contendo os stories que foram salvos para serem visualizados por tempo indeterminado; iv) stickers dos stories (2020) que foram utilizados nessa investigação – a) localização: espaço na qual se pode introduzir o nome do espaço físico pelo qual está sendo falado e, quando clicado, direciona para um espaço dentro da plataforma com publicações e stories de outros perfis, b) enquete: ferramenta na qual pode ser realizada uma pergunta ao seguidor(a) com apenas duas opções de respostas já estabelecidas, c) perguntas: ferramenta na qual pode ser realizada uma pergunta ao seguidor(a) e ele(a) responde livremente, semelhante a ferramenta de parágrafo curto do formulário do Google, d) teste: ferramenta na qual pode ser realizada uma pergunta ao seguidor(a), mas com alternativas já estabelecidas e com a ideia de apenas uma alternativa correta, sendo 4 o número máximo de alternativas.

forma disponibilizava na função *stories/story* alguns *stickers* de interação que proporcionavam espaço de manifestação sobre assuntos postos em questão. Utilizei durante o processo os *stickers* de: enquete, teste e perguntas, que apresentavam uma interação diferente quantitativa e qualitativa. Comecei a perceber que os *stickers* de enquete e teste geravam um maior número de respostas, mas por sua limitação, não tinha espaço para uma resposta aberta das mulheres sobre o assunto e o *sticker* de pergunta tinha o espaço para resposta escrita e elaborada pelas mulheres, mas em menor número de interação. Sendo este um dos desafios encontrados, passei a observar esse comportamento como forma a delinear o caminho das indagações e utilizá-lo favoravelmente a pesquisa, observando principalmente quais mulheres eram mais assíduas a responder os questionamentos e, portanto, estariam mais abertas a um diálogo pessoal.

Já no formulário, o desafio foi vivido mais intensamente, de uma só vez, na construção dos questionamentos, na organização e pesquisa das plataformas que melhor poderiam ser utilizadas e em como fazer com que as mulheres respondessem do começo ao fim. Delineei a ferramenta de modo que as particularidades de utilização do bairro e o perfil das mulheres fossem levados em conta. Do início ao fim, nenhuma mulher foi obrigada a responder qualquer questionamento e mesmo na única pergunta obrigatória sobre identificação, ela poderia optar por uma fala anônima. Além disso, utilizei funções que pulavam as questões de acordo com as opções assinaladas, como por exemplo as questões em relação a filhos(as) para mulheres que não eram mães, como também, utilizei funções que recortassem o campo de alternativas para questões mais objetivas. De modo prático, os

desafios gerados pelo formulário online foram solucionados tecnicamente antes da participação das mulheres, antecipando os impasses.

Por fim, é importante destacar que, sendo construído logo após as observações *in loco*, o formulário deu embasamento para os questionamentos levantados no Instagram e o Instagram “preparou o terreno” para divulgação do formulário. Trabalhando em conjunto e a partir do desenrolar de cada um, as metodologias se entrelaçaram, trazendo a pesquisa uma amplitude de olhar.

Entender esses desafios foi um caminho de abertura pessoal, confirmando a inquietação inicial de que a escuta e a observação seriam realmente o caminho a ser realizado. As plataformas digitais fazem parte hoje de uma rede de conexão que vive na dicotomia do que é íntimo e coletivo, e, ter contado com a participação dessas mulheres de um modo tão aberto a falar e ser escutada, reforça minha construção metodológica e a reflexão sobre ruas femininas e pensadas a partir da questão de gênero. A partir desta configuração, o olhar sobre o recorte e os questionamentos lançados trouxeram uma perspectiva: como é ser mulher e vivenciar os espaços públicos da Serraria, Maceió – AL.

## 2.3 | Os caminhos da escuta.

Iniciando o processo de questionamentos e escutas, tanto no formulário online quanto na plataforma Instagram, busquei trazer de modo pessoal as interrogações apresentadas no tópico “parar, olhar, sentir” que me foram intrigantes durante o período de observação *in loco*.

### 2.3.1 | Delineando: *formulário*.

A escuta sempre foi considerada parte fundante desta investigação e mesmo no contexto sem pandemia da Covid-19, a entrevista semiestruturada presencial poderia não surtir efeitos quantitativos satisfatórios. Nesse caso, o formulário online vislumbrava um alcance maior de diversidade de perfis de mulheres.

A partir da observação *in loco*, iniciei a estruturação da entrevista na busca por entender os diversos perfis das mulheres que vivem e transitam pelo bairro da Serraria, suas inquietações e visão sobre o desenho urbano do recorte, sua forma de agir sobre o espaço e como o planejamento urbano interfere na sua dinâmica cotidiana. Além disso, era necessário que o formulário fosse prático e objetivo, para que cada mulher se debruçasse de modo mais reflexivo e crítico pelas questões que lhe são caras.

Desse modo, destrinchei o formulário por temáticas (perfil, infraestrutura e segurança/insegurança) que tinham correlação direta com os aspectos observados *in loco*. Quem é a mulher que vive na Serraria? Ela é mãe? Ela tem animais de estimação? Ela percebe que os aspectos domésticos são refletidos no contexto social e urbano? Qual sua opinião sobre a infraestrutura urbana? Ela considera adequado ao seu uso os equipamentos de ponto de ônibus? Como é sua mobilidade? Ela já sofreu assédio? Quais suas experiências negativas e positivas com o recorte de estudo? Sendo assim, de acordo com as colocações, o formulário ia se encaminhando para as respostas objetivas. Por exemplo, se uma mulher assinalasse que era mãe, ela seria direcionada para perguntas relacionadas à filhos(as), mas caso não,

essa mulher já seria direcionada para outra temática.

Ainda nesse contexto, se fazia necessário entender qual o ponto de vista dessas mulheres sobre a infraestrutura urbana do recorte e quais aspectos do desenho urbano interferem ou não na plena ocupação dos espaços. Somado a isso, incumbir indagações sobre a infraestrutura urbana provocaria também respostas sobre aspectos observados in loco, tais quais: agrupamento a outras mulheres ou afastamento do ponto de ônibus, mulheres andando com carrinhos de bebê na pista porque a calçada é desnivelada, iluminação e sensação de insegurança ou segurança, entre outros aspectos.

Por se tratar de um **formulário online** e pela condição de isolamento provocado pela Covid-19, utilizei como estratégia de divulgação o encaminhamento do formulário pelas redes sociais WhatsApp e Instagram, que por caminhar em consonância com o perfil @seessa-ruafossefeminina ganhou satisfatória visibilidade. Nos primeiros dias de divulgação chega-se ao número de 46 respostas que logo considero como suficientes para análise.

Ao longo do processo, já com o formulário divulgado, senti a necessidade de ouvir especificamente as mães e as questões que pudessem ser mais relacionadas à maternidade e o espaço público. Desenvolvi então, próximo ao dia comemorativo das mães, outro formulário com questões mais específicas, mas dentro do contexto do que já havia sendo abordado no formulário geral. A resposta não foi satisfatória, tendo apenas 4 participantes, então para efeito de análise esses dados serão somados ao quantitativo geral.

Sendo assim, o perfil das mulheres que participaram desta investigação através do formulário, se estabelece entre jovens de 18 a

34 anos, que moram ou trabalham no bairro, vivem em um contexto residencial familiar, não são mães, possuem algum tipo de animal de estimação, fazem algum tipo de exercício físico no bairro, transitam pelo espaço a pé, de ônibus e/ou de carro, consomem serviços de alimentação, farmácia, beleza, entre outros. Além disso, mesmo que não indagado, pode-se sugerir pelos dados censitários do bairro e pelo acesso a rede de internet, que essas mulheres fazem parte da classe C e D (esquema 01). Perfil esse que será detalhado no capítulo a seguir.

Esquema 01 - Perfil das mulheres que responderam ao formulário.



Fonte: Autora, 2020.

### 2.3.2 | Delineando: *Instagram*.

Assim que pus o Instagram para funcionar, obtive o apoio e compartilhamento de muitas mulheres que me rodeiam. Através delas, muitas outras chegaram voluntariamente para contribuir com o debate e logo se formaram os(as) primeiros(as) 157 seguidores(as) e posteriormente chegando a 172 seguidores(as). Para o organismo da pesquisa, esse número foi considerado suficiente, não se fazendo necessários artifícios para adquirir mais seguidoras. Mas, posteriormente, realizei 6 convites diretos a mulheres que moram no bairro, a seguir e participar do perfil.

Comecei a perceber que, apesar de já existirem perfis que falam sobre os temas caros as mulheres, as que seguem o @seessaruafossefeminina sentem necessidade em falar sobre sua realidade imediata, que é o bairro que vivem e/ou transitam. É como um canal direto e próximo do que se é posto cotidianamente.

É importante ter como premissa que o Instagram possui uma dinâmica própria e que não se trata de uma plataforma formal de formulário, portanto, as questões levantadas e suas respostas sofrem os reflexos disso. No mesmo dia e momento de publicação, um *story* tem interação e engajamento diferentes e, portanto, respostas distintas. Uma mesma pessoa pode responder à pergunta 01 e não responder à pergunta 02, o que dificulta o aspecto comparativo. Ainda assim, quantitativamente, como efeito de pesquisa, utilizarei os números para investigação.

Durante a utilização da plataforma como instrumento de escuta, que se fez durante quase dois meses, o perfil dos(as) seguido-

res(as) se mostrou majoritariamente feminino tendo em média 88,5% de mulheres e faixa-etária predominante de 18 a 34 anos (83%). Inicialmente havia um desejo pessoal de conseguir alcançar um público mais diverso no quesito idade, mas o que foi encontrado não é surpreendente, já que de fato é o público majoritário de utilização dessa plataforma no Brasil (Baú, 2020). Quanto ao gênero, ainda que as mulheres sejam o sujeito da escuta e compreendam 88,5% dos perfis que seguem a página, existe uma margem masculina de mais ou menos 11,5% que precisa ser observada. Noto então que os homens tomam mais um lugar de espectadores do que de participação. No início, alguns homens respondiam as perguntas, mas depois eles aparecem mais expressivos nas visualizações dos stories e nas curtidas das publicações.

Buscando entender qual público estava alcançando em termos de localização, realizei a primeira enquete sobre a relação das pessoas com o recorte. No elemento “enquete” disponibilizado pela plataforma, só é possível responder a uma alternativa (equivalente à múltipla escolha do formulário convencional), então ao todo foram contabilizadas 62 respostas e majoritariamente, as pessoas declararam ser moradores(as) ou constantes transeuntes. Ainda assim, 21 pessoas responderam não ter nenhuma relação com o bairro da Serraria, mas esse público não pode ser desconsiderado, pois mesmo que vivenciando a dinâmica em outro espaço, o corpo feminino possui marcas urbanas apesar da localidade e cultura, e, a contribuição dessas mulheres sobre a temática soma ao debate.

Sendo assim, o perfil das mulheres que participaram desta investigação através do Instagram se assemelha quase que completa-

completamente ao do formulário, tendo como única diferenciação a presença de mulheres que não fazem parte da dinâmica do bairro da Serraria e a presença de alguns homens como expectadores.

Com o apoio das questões já desenvolvidas para o formulário, iniciei os questionamentos de modo consciente com a dinâmica da plataforma. Por se tratar de um espaço com muitos estímulos visuais e de fácil dispersão, realizei os questionamentos gradativamente durante os dias através dos stories e os separava por temáticas: perfil, infraestrutura, insegurança e isolamento social (pandemia), muito próximo do que o formulário já abordava, mas mais afinado. De modo gradativo, uma a três perguntas por dia já me davam as respostas das indagações sentidas no processo de observação. Alinhado à isso, desenvolvia publicações no feed com mais embasamento teórico sobre gênero X urbanismo.



O que  
elas  
dizem

Iniciar o formulário e o perfil no Instagram já com números expressivos anunciava de cara a ânsia dessas mulheres pela temática. Por se tratar de um trabalho final de graduação, pode-se gerar uma participação baseada na contribuição solidária, mas é importante mencionar que boa parte das participantes desta investigação não tinham relação direta comigo. Ver e ouvir tantas mulheres interessadas e ávidas pelo debate evidencia a urgência da discussão.

Neste capítulo, apresento os questionamentos e as respostas das mulheres, tais quais foram sendo captados. Aqui, serão mostradas duas formas de linguagens na qual precisei me relacionar com as plataformas e com as mulheres, já que no formulário havia espaço para uma construção textual um pouco mais formal, mas na plataforma Instagram havia a necessidade de uma linguagem muito mais informal e próxima do contexto linguístico do cotidiano.

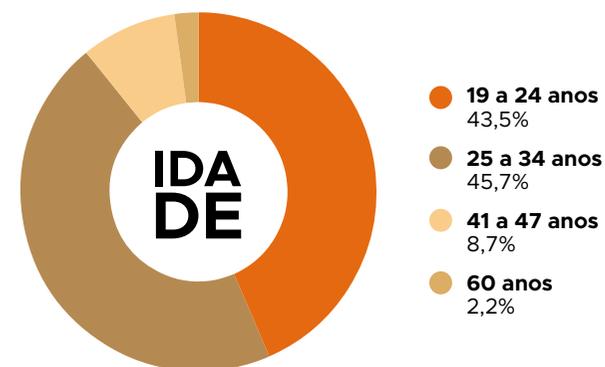
Entre as temáticas observadas in loco, chega-se a algumas questões específicas que julguei necessárias a escuta: saber quem são essas mulheres (já tratado no tópico anterior, mas que será melhor detalhado aqui), sua opinião sobre temas como infraestrutura urbana e assédio sobre o recorte, relatos pessoais e, visão espacial e social. Para melhor entendimento dessa escuta e dos resultados, delinearei os questionamentos por plataforma: formulário e Instagram.

### 3.1 | Elas: através do formulário.

Traçando o perfil das mulheres que responderam ao formulário online, na plataforma Forms Google, veem mulheres jovens entre 18 e 34 anos, onde 43,5% tem entre 18 e 24 anos, 45,7% tem entre 25

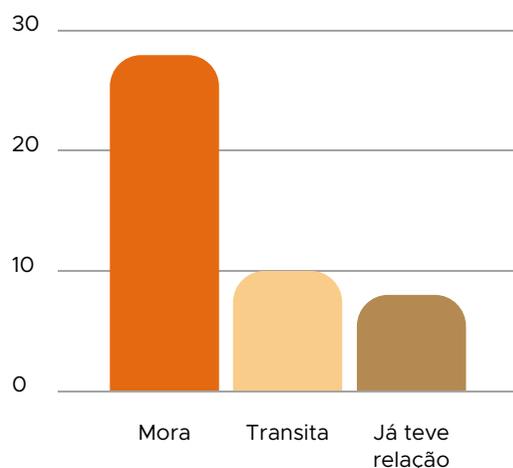
e 34 anos, 8,7% tem entre 41 e 47 anos e, 2,2% tem 60 anos (gráfico 02). Sua relação com o bairro é principalmente de residência (60,9%), mas há também as transeuntes (21,7%) seja por trabalho, estudo ou passeio, ou as mulheres que já tiveram alguma dessas relações (17,4%) (gráfico 03). Moram com a família (96,4%) ou com amigos(as) (3,6%), apresentando um cenário interessante de observação, já que padrões comportamentais domésticos familiares podem ser refletidos no contexto urbano. Dessas mulheres, 60,7% possuem algum animal de estimação e 82,1% não tem filhos (gráfico 04 e 05). Sobre hábitos e atividades, 41,3% declararam fazer algum exercício físico no bairro e 58,7% não. Sobre mobilidade, os principais meios de transporte utilizados por elas são ônibus (41,3%) e carro particular (41,3%). A partir desse perfil, o formulário se desenrolava com base nas temáticas e ia se aprofundando nos questionamentos relativos a observação in loco.

Gráfico 02 - Faixa etária das mulheres que responderam ao formulário.



Fonte: Autora, 2021.

Gráfico 03 - Relação das mulheres que responderam ao formulário com o recorte analisado.



Fonte: Autora, 2021.

Gráfico 04 (esquerda) - Mulheres que responderam ao formulário que declararam ter ou não animais de estimação. Gráfico 05 (direita) - Mulheres responderam ao formulário que declararam ter ou não filhos(as).

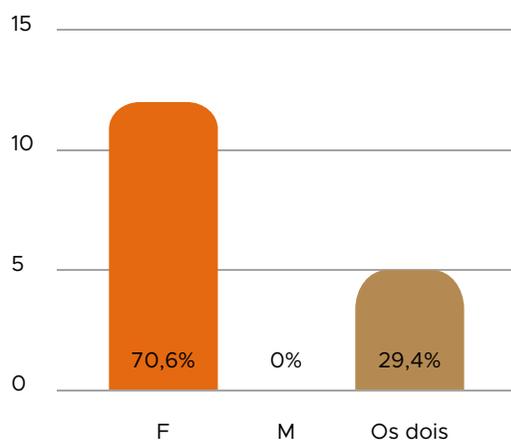


Fonte: Autora, 2021.

Delineando as relações dessas mulheres com animais de estimação e filhos(as), observados in loco com uma grande presença feminina desempenhando o papel de passeio e recreação, indaguei as entrevistadas sobre essa responsabilidade doméstica. Na pergunta relacionada a animais de estimação “quem passeia com ele(s) e cuida de suas necessidades?”, nas alternativas expostas, elas responderam que 70,6% é uma figura feminina, 0% é uma figura masculina e 29,4% são as duas figuras (feminina e masculina) (gráfico 06). Esse contexto reforça o que foi observado no recorte, onde muitas mulheres foram vistas desempenhando esse tipo de atividade. É importante ressaltar que a alternativa sobre o desempenho das duas figuras, também contempla mulheres, e, portanto, as mulheres formam majoritariamente o gênero dessa atividade, reforçando a dinâmica doméstica para esse gênero.

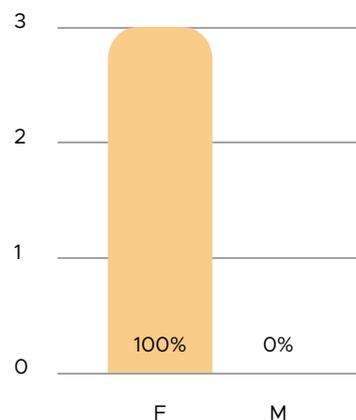
Quanto à filhos(as), no contexto sobre utilizar algum espaço lúdico do bairro como divertimento, dois questionamentos foram realizados: i) quem acompanha seus(as) filhos(as) para brincar e, ii) onde costumam brincar. Nas alternativas expostas à primeira pergunta, elas declararam 100% que “eu ou outra figura feminina da minha casa” e 0% que “uma figura masculina” (gráfico 07). Esse resultado também reforça o que foi observado no recorte, onde muitas mulheres foram vistas acompanhando crianças em diversas atividades. Além disso, indagadas sobre quais espaços públicos eram esses, foram mais respondidas as ruas próximas a casa e as praças. De fato, nas observações notei que as praças do bairro obtinham um número significativo de crianças. Naturalmente, a depender dos equipamentos públicos instalados, é um ambiente que atrai esse público.

Gráfico 06 - Relação de gênero sobre cuidados com animais de estimação, segundo respostas do formulário.



Fonte: Autora, 2021.

Gráfico 07 - Relação de gênero sobre acompanhar crianças para brincar, segundo respostas do formulário.



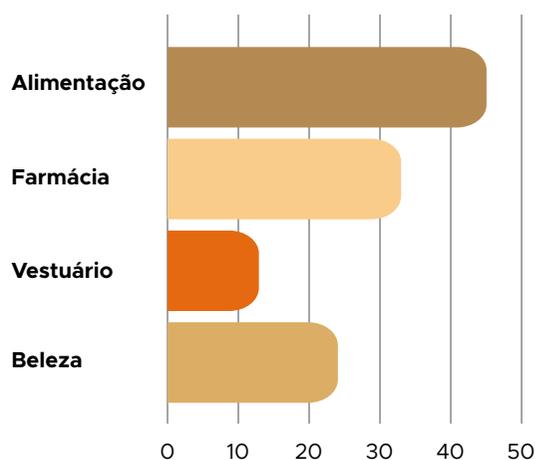
Fonte: Autora, 2021.

Na relação com o bairro e sua relação com o espaço público, indaguei essas mulheres sobre onde elas costumavam passear dentro do bairro e obtive 03 respostas: i) “pela cidade inteira”; ii) “lanchonetes e casas de amigas”; iii) “restaurante geralmente, lugares fechados ou casa de amigos.”. A apresentação de espaços privados me faz refletir sobre a representação da carência de espaços livres públicos no recorte e a relação do perfil da cidade em não ter os espaços públicos como espaços de permanência. Apesar da carência desses espaços, o bairro não é isento, ele possui quatro praças com equipamentos que propagam o lazer, mas que não são mencionados pelas entrevistadas nessa pergunta.

Ainda nesse contexto de relação com o recorte, queria compreender se essas mulheres se viam desempenhando atividades domésticas como fazer compras alimentares ou se eram os homens que desempenhavam essa função. Durante a observação do recorte, muitas mulheres foram vistas portando sacolas de compras, reforçando o contexto das atividades domésticas e do “cuidado”. Sendo assim, questionei dois pontos relativos à esse contexto: i) quais serviços comerciais elas utilizam no bairro (que, considerado na atual configuração do recorte, possui uma diversidade grande de comércios e serviços) e, ii) se nos serviços de alimentação só elas desempenhavam essa função. Os serviços mais utilizados por elas, diante das alternativas apresentadas foi o de alimentação (padaria, supermercado, restaurantes), seguido do de farmácia e beleza e, depois o de vestuário (gráfico 08). Nesse contexto, elas declararam (73,9%) que não são as únicas responsáveis por essa atividade, o que comparado a observação in loco é coerente pela heterogeneidade de homens e mulheres desem-

penhando essa função, mas não ser a única responsável por essa atividade não exclui a função da mulher nisso e não tira a majoritariedade composta por elas e vista in loco.

Gráfico 08 - Serviços mais consumidos, no recorte, pelas mulheres que responderam ao formulário.



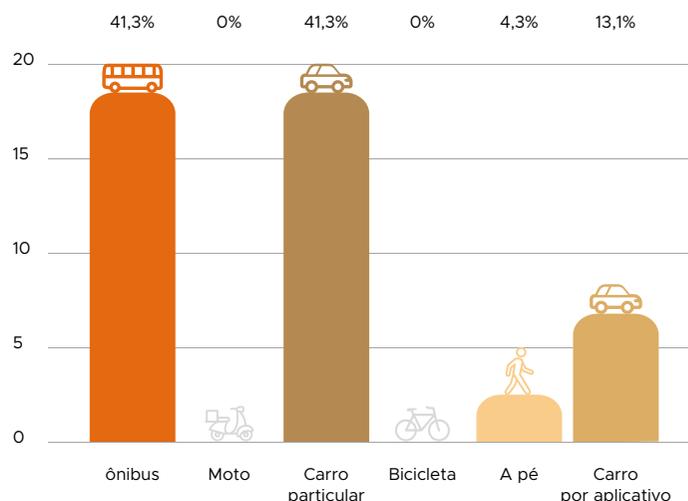
Fonte: Autora, 2021.

Quanto à infraestrutura urbana e mobilidade, é importante analisar como essas mulheres se relacionam com o espaço público do recorte cotidianamente. Como o estado das calçadas, iluminação e pontos de ônibus interferem em suas relações diárias e ações. Em contrapartida a observação in loco, onde havia muitas mulheres trajando roupas de cunho esportivo, questionei no formulário quais delas realizavam algum tipo de exercício físico no bairro e quais seriam. Diante das alternativas, a academia e a caminhada foram

majoritariamente selecionadas e os principais espaços públicos utilizados, no caso da caminhada, foi o canteiro central do Murilópolis e o Conjunto José Tenório. Além disso, 89,5% dessas mulheres acessam esses lugares a pé, reforçando o que foi visto durante a observação do recorte.

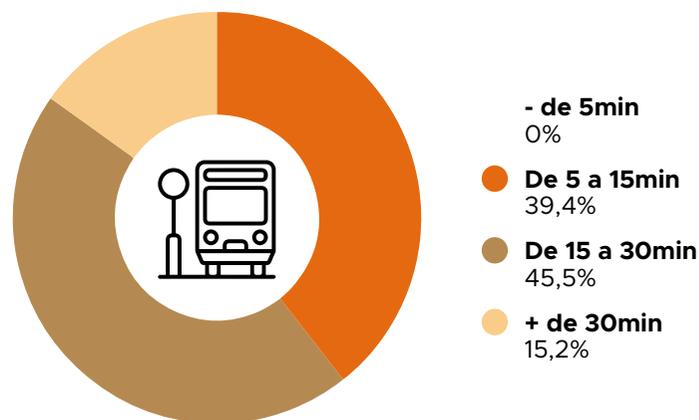
Somado a isso, a mobilidade é um ponto relevante e importante a ser destacado, já que as relações de gênero perpassam principalmente sobre a forma como mulheres e homens se locomovem e no caso aqui investigado, como as mulheres se sentem seguras (ou como podem) para se locomover. Nesse contexto, as entrevistadas declararam: 41,3% utilizarem o ônibus como principal meio de transporte, 41,3% utilizarem carro particular como principal meio de transporte, 4,3% se locomovem a pé e 13,1% com carros por aplicativo (gráfico 09). Além disso, em um cenário observado onde os pontos de ônibus possuem pouca ou quase nenhuma estrutura que propicia a espera, quanto tempo as mulheres que dependem do ônibus como seu principal meio de locomoção, esperam? Segundo elas, de 5min a 15min (39,4%) e de 15min a 30min (45,5%) (gráfico 10). Ainda que o ônibus não seja o principal modal para as mulheres, elas transitam de diferentes formas e principalmente de ônibus ou a pé. O quanto de comportamento e pensamentos devem passar pela mulher que espera o ônibus de 5 a 30min, em um ponto de ônibus que não lhe dá uma estrutura consciente? Já anunciando os resultados que estão por vir, é importante mencionar que em uma situação de insegurança e vulnerabilidade, as mulheres se protegem: torcendo, rezando, escondendo pertences de valor, se distanciando do ponto, ficando próximo de algo que dê segurança e/ou pegando um outro ônibus mesmo que gere um maior percurso.

Gráfico 09 - Principais meios de transporte das mulheres que responderam ao formulário.



Fonte: Autora, 2021.

Gráfico 10 - Tempo de espera de ônibus segundo respostas do formulário.



Fonte: Autora, 2021.

Indagadas sobre como consideram o estado físico dos pontos de ônibus (pontos de espera), elas consideraram em maioria péssimos, ruins ou regulares (gráfico 11). As questões que perpassam a utilização da mulher na rua, tais quais a importunação sexual, contribuem com a avaliação de um equipamento que é pensado de forma generalista. Em observação in loco, percebo que alguns pontos nem possuem uma estrutura física para espera e que outros possuem uma estrutura que facilita o esconderijo de alguém mal-intencionado. De modo pessoal, posso relatar que estando nesses espaços, comumente me agrupava a outras mulheres na tentativa de me manter mais segura ou me distanciava para manter-me mais a vista das pessoas e, portanto, menos vulnerável.

Além disso, o que a infraestrutura urbana do recorte comunica a essas mulheres e quais suas opiniões sobre tal? Na visão sobre o recorte, onde há muita movimentação de pedestres, para essas mulheres as calçadas são consideradas (entre as alternativas: péssima, ruim, regular, boa e ótima), em maioria, ruins ou regulares (gráfico 11). Durante as observações percebi mães com dificuldade em transportar o carrinho de bebê (se arriscando pela rua) e muitas mulheres acompanhando idosos(as), que possuíam mobilidade limitada. De fato, as calçadas não possuem um bom estado, mas tem alguns trechos melhores que outros ou piores que outros, refletindo no espaço onde a mulher transita e em seu comportamento. Lembro-me aqui do meu relato pessoal que por um bom tempo, escolhi a calçada com menor infraestrutura, mais com maior visibilidade em um mecanismo de proteção e/ou de facilidade de fuga.

Somado a isso, em um contexto onde elas se locomovem pelo

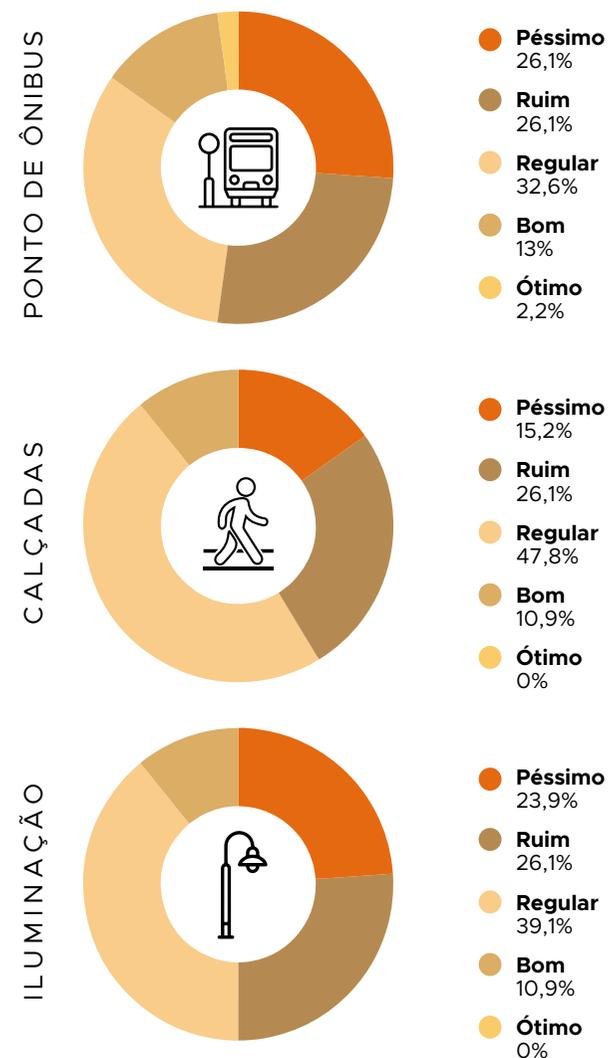
bairro manhã, tarde e noite a pé e, onde, 60% dessa locomoção é vivenciado a noite, a iluminação pública do recorte se mostra e é declarada por elas como péssima, ruim ou regular (gráfico 11). Alguns trechos recebem mais investimento nesse aspecto do que outros, deixando ruas locais que já possuem pouca movimentação de pedestres e, portanto, que pode representar mais insegurança, ainda mais vulneráveis e repelidas ao acesso dessas mulheres (figura 05).

Figura 05 - Registro da esquina da Travessa Getúlio Vargas, às 23h.



Fonte: Autora, 2020.

Gráfico 11 - Opinião das mulheres que responderam ao formulário, sobre as condições físicas de ponto de ônibus, calçada e iluminação no recorte.



Fonte: Autora, 2021.

Diante desse contexto, o que infraestrutura urbana, relações de gênero e segurança pública podem falar sobre como essas mulheres se sentem seguras ou como elas se relacionam com a temática do assédio sexual? Segundo dados coletados, de 46 mulheres, 45 já se sentiram inseguras no recorte e 30 já sofreram assédio sexual neste espaço. Para elas, o turno da noite propicia a sensação de insegurança e essas ações se relacionam principalmente com a supressão de bens, a agressão física e a importunação sexual. Já o assédio sexual está mais amplamente relacionado as ações de: i) ter seu corpo violado sexualmente (41), ii) escutar palavras de conotação sexual direcionadas a você (44), iii) receber buzinação com conotação sexual (40), iv) escutar expressões como “fiu-fiu”, gostosa, linda, direcionadas a você (40) e v) receber olhares constrangedores (41), mas que aqui estão relacionados a qualquer turno do dia, como elas pontuam. Questionadas sobre quais horários e locais (mapa 04) essas mulheres sofreram assédio, não há uma concentração de local ou de horário, mas uma diversidade: “5h da manhã”, “por volta de 12:40”, “fim de tarde para noite”, “7:30-9:00”, “durante a tarde”, “durante a noite”, “não tem horário para o assédio acontecer não”.

Sendo a escuta a principal ferramenta desta investigação, só contabilizar alternativas já selecionadas não contemplaria a voz dessas mulheres. Sendo assim, de forma aberta, o questionamento sobre o “que é insegurança pra você”, obtiveram as seguintes respostas:

*“É andar pelos lugares sempre com medo de fazerem algo comigo.”*

*“Sensação ou sentimento de impotência... de não estar protegido.. De não estar seguro em relação a alguém, lugar ou situação.”*

*“Não ter dinheiro pra ir e vir com segurança.”*

*“Sair na rua e ter que ficar alerta a tudo e todos.”*

*“Andar com medo na rua.”*

*“Não saber o que pode acontecer, o inesperado, o desconhecido.”*

*“Sentir-se vulnerável ao andar sozinha.”*

*“Falta de Polícia.”*

*“Não poder transitar livremente, em qualquer horário, com qualquer vestimenta, portando quaisquer objetos e ter que ponderar sobre tudo isso elevado a segunda potência simplesmente por ser mulher.”*

*“Falta de segurança no amplo sentido.”*

*“É transitar no bairro com medo da violência urbana, é vê a quantidade de jovens se viciando e futuramente a maioria entra no meio do tráfico.”*

*“Andar por lugares isolados e com pouca iluminação.”*

*“Vulnerabilidade, falta de segurança e capacidade para realizar atividades fora de hora.”*

*“Não conseguir sair na rua sem estar com medo de sofrer alguma violência, seja ela verbal ou física (aplica-se o assalto também).”*

*“Não me sentir perseguida, e ter livre acesso sem ter que ficar com medo.”*

*“Ter medo de andar como, por onde e quando quero.”*

*“Não me sentir segura.”*

*“Não poder me sentir à vontade, que torne o ambiente vulnerável e saber que pode haver instabilidade da minha paz.”*

*“Sentimento de que algo ruim pode acontecer. Assalto, principalmente.”*

*“Andar sozinha a noite em ruas escuras, ficar sozinha no ônibus a noite, caminhar sozinha pela roupa de exercício.”*

*“Descer só uber e entrar no prédio correndo, por medo de assalto!”*

*“Não poder andar desacompanhada a noite.”*

*“Falta de policiamento, falta de infraestrutura.”*

*“É viver com medo de se viver, sensação de vulnerabilidade.”*

*“Andar toda hora com medo de ser assaltado, violentada....”*

*“Não me sentir segura para transitar livremente.”*

*“Não ter informações sobre o que está acontecendo no bairro e como os moradores devem proceder.”*

*“O que me faz me sentir vulnerável.”*

*“É sentir medo.”*

*“Não se sentir confiante.”*

*“Ter medo de sair sozinha em qualquer horário do dia.”*

*“Quando voltava da faculdade sozinha a noite, havia trechos que mal dava para ver o rosto de quem passava próx, além disso vários "pontos" que poderiam facilmente esconder um estupro.”*

*“Não se sentir confortável com algo.”*

*“Ter medo de sair sozinha.”*

*“Crise de ansiedade.”*

*“Me sentir exposta a qualquer situação como assédio, assalto...”*

*“Me sentir vulnerável, em perigo. Precisar estar atenta a todo tempo. Me sentir com medo, exposta.”*

*“Mistura de medo com impotência.”*

*“Receio.”*

*“Sensação de estar desprotegida.”*

*“Não conseguir ficar tranquila, me sentir mal fazendo algo, com medo de fazer algo.”*

*“Se sentir vulnerável, em situação de perigo.”*

*“Sentimento de medo.”*

*“Quando não se pode fazer algo por medo.”*

**atenta**

**vulnerável**

**medo**

**impotência**

**desprotegida**

**exposta**

**alerta**

**perseguida**

Também de forma aberta, o questionamento sobre o “que é assédio sexual pra você”, obtiveram as seguintes respostas:

*“É qualquer ação que invada minha sexualidade, seja com buzina, gestos obscenos, palavras desconfortáveis (tipo gostosa, morena, gata), assovios e toques em meu corpo sem meu consentimento.”*

*“Tudo que se caracteriza como abuso sexual, com avanços de caráter sexual, símica ou verbalmente não aceitáveis e não requeridos... que geram uma atmosfera ofensiva e hostil.”*

*“Invadir desnecessariamente meu espaço (físico, emocional).”*

*“Qualquer limite ultrapassado simplesmente por ser mulher.”*

*“Quando percebo que alguém está me acompanhando, e faz comentários de mal gosto.”*

*“Quando alguma situação com conotação sexual me deixa desconfortável, constrangida, vulnerável, seja ela física ou verbal.”*

*“Fazer algo que não houve permissão para tal.”*

*“Agressão contra sua pessoa.”*

*“Desde uma olhada invasiva até a efetivamente um contato físico forçado.”*

*“Violência física/mental/abuso sexual tanto na rua quanto no trabalho.”*

*“Quando alguém quer tirar vantagem sexual de outrem que se encontra, no momento, desprotegido.”*

*“Qualquer ato agressivo que possa denigrir a imagem da mulher.”*

*“Violação da moral de outra pessoa, com o objetivo de obter vantagem sexual sobre esta.”*

*“Uma discriminação não aceitável que se dá por meio de falas ou ações de uma forma violenta contra mulheres.”*

*“Desejar algo que não é seu.”*

*“Cantadas, olhadas, toques, qualquer coisa que se faça sem consentimento ou que seja invasivo.”*

*“Qualquer ação de origem sexual desrespeitosa.”*

*“Qualquer ato que perturbe minha intimidade e me cause constrangimento.”*

*“Olhares maliciosos, comentários ofensivos ou de cunho sexual, qualquer tipo de contato físico não consensual, principalmente se o contato for propositalmente com contexto sexual, qualquer tipo de situação que cause constrangimento.”*

*“Qualquer fala ou ação que se refira a alguém em questões sexuais. Uma buzina do carro passando na rua, um “fiufiu”, gestos sexuais, etc.”*

*“Alguém tentar algo cmg, ou falar coisas de baixo escalão.”*

*“Qualquer investida sem o meu consentimento.”*

*“Qualquer ato contra a mulher.”*

*“Uma forma comum e rotineira de violência contra a mulher.”*

*“Desrespeitar o outro. ultrapassar o limite de respeito que todos devem ter uns com os outros.”*

*“Quando outra pessoa faz ou diz algo que com cunho sexual sem o seu consentimento.”*

*“Toda ação física ou verbal que não tem consentimento.”*

*“Crime.”*

*“Quando uma pessoa passa dos limites e não respeita seu espaço como mulher.”*

*“Olhares, comentários e etc que nos constrange.”*

*“Olhar fixamente para partes íntimas, comentários inadequados e toques sem permissão.”*

*“É um comportamento indesejado, fazendo com que o outro se sinta constrangida diante da situação.”*

*“Abordagem sem minha vontade.”*

*“Qualquer atitude masculina que possa me ferir emocionalmente ou fisicamente.”*

*“Qualquer situação que me traga constrangimento, seja de piadas...”*

*“Toda e qualquer ação de invasão no meu corpo. Que ultrapassa o limite, que constrange, violenta. De um olhar até o ato mais extremo mesmo.”*

*“Violação verbal, moral ou física que desrespeita o outro e seu corpo.”*

*“Uma ofensa, uma forma de violência.”*

*“Qualquer tipo de insinuação feita sem consentimento. Mesmo olhares e comentários que nos fazem ficar desconfortáveis.”*

*“Forma de intimidação através de violência física ou mental, com conotação sexual, geralmente forçando uma pessoa a fazer o que não deseja.”*

*“Qualquer incômodo causado a uma mulher.”*

É fácil perceber a correlação entre insegurança e assédio sexual. Presente na vida das mulheres, a insegurança gera um alerta intrínseco e uma busca por proteção contra o assédio sexual. Como bem disse uma das entrevistadas, “não tem horário pro assédio acontecer não”, assim como também não tem um estado físico. Mas, tem equipamentos urbanos que propiciam isso. Se a rua fosse observada e planejada a partir da perspectiva de gênero, teríamos ruas com postes quebrados, terrenos vazios abertos, uma cidade cheia de carros e pontos de ônibus com espreitas de esconderijo?

Nas respostas que manifestam insegurança para as entrevistadas, é importante destacar que as ações de cunho sexual são um ponto quase que unânime entre as mulheres. Estando em uma cidade com altos índices de violência urbana, esse relato poderia facilmente estar associado a supressão de bens, mas não para as mulheres. Ou seja, além de um debate sobre planejamento urbano, essas experiências pessoais revelam intrinsecamente a relação com segurança pública,

confirmando a afirmação de Mildred Warner sobre as mulheres serem um medidor de segurança.

Ao final do formulário, fiz um espaço de escuta ainda mais aberto intitulado “quero te ouvir!”, que abria espaço para relatos sobre alguma situação que tenha vivenciado no bairro, sobre qualquer circunstância, boa ou ruim, reforçando também sua escolha pelo anonimato. Dou espaço a todos eles aqui:

*“Eu estava voltando da casa da minha tia sozinha, por volta de meio dia, e um cara estava pintando o muro de uma loja na esquina da minha rua e eu percebi que estava passando e ele me acompanhando com os olhos. Imediatamente parei, olhei pra ele e perguntei “Tá olhando o que? É cada uma!”. Na hora que eu falei, ele tirou a vista e abaixou a cabeça e eu segui caminho. Eu acho que foi em 2015, não lembro exatamente o ano.”*

*“Quase todas as vezes indo e voltando da escola, ouvia homens com piadinhas, as buzinas perdi as contas de quantas vezes foram usadas.”*

*“Na verdade já várias vezes, indo para a academia recebo olhares constrangedores.”*

*“Estava indo ao mercadinho com alguns primos, quando percebi que íamos sendo assaltados.. até que o cara se deu conta que era meu vizinho e deixou para lá.”*

*“Várias vezes opto por usar roupas menos “atraentes” por não estar com cabeça para lidar com assédio dos motoristas. Não há uma ÚNICA vez que eu vá de saia para a UFAL e não buzinem, e colegas minhas ficam chateadas por eu achar isso um incômodo, “toda vez, mulher! Isso é um baita elogio!” Não me sinto elogiada. Me sinto ofendida, desrespeitada.”*

*“Várias vezes me senti sendo seguida e até mesmo fui abordada por homens com piadas, fiquei com medo e fui a uma portaria de condomínios próximos mesmo não sendo o que eu resido. Já sofri 2 assaltos nessa rua.”*

*“Um rapaz que era cadeirante se utilizava de sua situação física para tirar liberdade com as mulheres... Ate que um dia sem saber que o marido ou namorado de uma moça estava por perto... ele a assediou... O namorado foi tomar satisfação discutiram... O namorado sacou uma arma e atirou varias vezes no cadeirante... (Local) Ali no posto principal do zé tenório...”*

*“Havia um senhor que em duas ocasiões queria que eu entrasse no carro dele, a primeira corri, a segunda me escondi, era dia. A polícia disse que só poderia denunciar com a placa completa, que eu não tinha.”*

*“2019/2020. Quase sempre que saio com roupa de academia para ir caminhar no murilopolis sozinha recebo e percebo vários olhares insistentes de homens em oficinas, passando de bicicleta, carro, moto... constrangedor e desanimador. Já notei também que quando estou acompanhada do meu irmão isso não acontece.”*

*“No ano de 2018, por volta das 19h, estava voltando a pé da escola pela rua Adolfo Gustavo - onde eu tenho que andar para chegar em casa. Com os passos sempre apressados e já próximo ao Residencial Serraria, fui abordada por um homem de bicicleta que vinha já de longe em minha direção. Enquanto ele falava coisas como “ei, linda, quero ejacular em você”, eu continuava andando depressa, agora com o coração acelerado e o medo tomando conta de mim. Eu tinha 17 anos e o homem, pelo pouco que reparei, parecia ter mais de 35. Talvez o fato da rua não estar tão deserta e eu estar tão próxima do Residencial fizeram esse ser se afastar de mim, logo depois de me desrespeitar com as palavras. Sem conseguir controlar minhas pernas direito, entrei no condomínio para me acalmar um pouco, e, assim que pude, contei tudo à minha mãe e às pessoas próximas a mim.”*

*“No conjunto José Tenório, entre prédios, há becos que se tornam atalhos, e por ser mais reservado e “afastado” da pista onde tem mais movimentação, sempre ocorre assaltos, assédios ou alguma situação que envolva insegurança/medo. Certo dia, mesmo acompanhada de uma amiga, acabamos sendo assaltadas por um homem de motocicleta, que disse que tinha um arma no banco da moto (dentro de um pacote) a lateral do local é composta por uma mata, e ainda assim o local é movimentado por carros. O maior medo, acredito que seja ser sequestrada e abusada sexualmente. O menor dos prejuízos foi a perda material. O local exato é ao lado de uma galeria dentro do Conjunto José Tenório, tínhamos aproximadamente 15 anos.”*



Figura 06 - Registro dos becos formados por edifícios residenciais no Conjunto José Tenório, às 16h.

Fonte: Autora, 2020.

Figura 07 - Registro das garagens cobertas na “Rua dos Bombeiros”, no Conjunto Rui Palmeira, às 15h30.

Fonte: Autora, 2020.



*“Não me recordo o ano, mas eu fazia aproximadamente a 4ª série do fundamental. Fui assediada por homem quase idoso que me convidou pra ir com ele a uma terreno abandonado que tinha mato alto, próximo ao colégio São Judas Tadeu. Eu estava indo para a escola, fardada.”*

*“Em 2014 fui assediada por outro homem quase idoso próximo ao bigloso, do outro lado da rua, próximo ao ponto de ônibus. Ele olhou profundamente para os meus seios e me chamou de gostosa com uma expressão muito forte. Me senti suja.”*

*“Estava indo para o ponto de ônibus junto com minha mãe, perto das 15h e um adolescente nos abordou próximo a igreja católica do José Tenório e anunciou o assalto. Pedi o celular, acabei entregando o meu, pois minha mãe estava bastante nervosa e ele fingiu que estava armado. Felizmente dois meninos que estavam indo para igreja, perceberam a ação e um deles imobilizou o assaltante. Ficamos aguardando a Polícia por horas e horas. Resumindo a Polícia não apareceu e tivemos que deixar o assaltante ir embora como se nada tivesse acontecido. Até hoje, ao passar pelo local, lembramos do ocorrido.”*

*“Fazendo caminhada com uma vizinha na Av. Pierre Chalita na Serraria, um homem parou o caminhão, desceu e mostrou suas partes íntimas.”*

*“Precisei pegar um ônibus para voltar pra casa e não sabia nem onde era o ponto de ônibus, porque na principal da Fundação Bradesco, não tem uma boa sinalização em relação a isso. Transitar pela calçada dessa rua é bem complicado pela falta de padronização da mesma e de qualidade também. A iluminação também não é boa e o fluxo de carros é muito intenso. O combo disso tudo e a espera do ônibus me fez eu me sentir bastante insegura estando sozinha no ponto por bastante tempo.”*

*“Certo dia Eu estava indo para a academia, estava indo com calça legging e uma blusa grande (para evitar qualquer tipo de assédio) mas infelizmente não foi o que ocorreu. Sempre passava algum homem com "gracinha" buzinando ou fazendo psiu. Independente da roupa que usamos não somos respeitadas, os homens definitivamente precisavam entender que nós podemos usar a roupa que queremos e eles*

*devem nos respeitar.”*

*“Os becos dos José Tenório são os grandes problemas. Fora a falta de iluminação e policiamento frequente.”*

*“Indo pra o ponto de ônibus da casa Vieira, na rua que vem do caldinho do Vieira, já recebi vários olhares e palavras de conotação sexual, fiu-fiu e em uma situação já me senti muito desconfortável e com medo porque você não sabe até que ponto serão só olhares e palavras, você não conhece a outra pessoa. Foram entre os anos de 2010 e 2014, quando eu ainda morava por lá com meus pais e transitava pelas ruas a pé com mais frequência.”*

*“Meu ex namorado teve uma crise típica de ciúmes, brigamos.. Eu estava em casa (jatiuca) e ele foi pra dele (serraria) e eu fui atrás dele (de uber). Resumindo, ele não abriu a porta, não atendeu o telefone eu só tinha o dinheiro da ida, era 3h e fui andando até o escritório onde trabalho, que fica ali perto, a pé. Orei pra chegar viva la.. Por sorte, eu cheguei.”*

*“Minha chegada nesse bairro em 1985 que minha rua era só barro e vi ela ficando calçada, aqui era só lama e muito inseguro, lembro de chegar com os sapatos com lama em casa. E em 1988 o nascimento da minha filha ja nesse bairro.”*

*“Não é um relato específico, mas acho o ambiente do bairro bem familiar, as pessoas se conhecem e a convivência costuma ser harmoniosa.*

*Lembro de quando adolescente (2005-2010) eu ficava até tarde com meus amigos na rua (geralmente no Rui Palmeira e Betavile). Também lembro que antigamente (Início dos anos 2000), a prévia de carnaval “bonecas da serraria” costumava ser uma celebração divertida, que eu costumava ter mais sensação de segurança que comparada a hoje (talvez porque antes era algo mais limitado às pessoas do bairro). Costumava frequentar bastante as lanchonetes e sorveterias do bairro, sempre havia opções boas. Sobre a rua que moro (Adolfo Gustavo): Antes, não era pavimentada, era cheia de sítios e terrenos baldios (acredito que ela foi pavimentada por volta de 2000/2001). Com o tempo, tudo começou a crescer e hoje, é uma rua que sempre tem movimento, pessoas transitando, prédios, colégio, serviços. Mas ainda assim, me dá medo de andar a pé quando começa a escurecer.”*

*“Coisas boas do bairro: quando tínhamos São João na Serraria - tipo Palhoção da Serraria (com boas atrações de bandas) e também o Space (na Av. Menino Marcelo) com ótimos shows... Sem falar dos maravilhosos sanduíches do Foods Point, que atraía pessoas de toda Maceió e até distribuía senhas para atender a clientela.”*

Muitos desses relatos poderiam ser meus e de tantas outras mulheres que transitam e ocupam o espaço público desse recorte ou de qualquer outro bairro de Maceió. Mesmo sendo algo que vivo e escuto com frequência, é sempre incômodo escutar mais um. Ressaltando a pesquisa realizada pela advogada Anne Caroline Lima (LIMA, 2018) e tratada aqui no capítulo 01, Maceió é a segunda capital mais violenta para mulheres e grande parte dos crimes ocorreram nos espaços públicos.

No mapa a seguir (mapa 04), demarquei os locais na qual essas mulheres relataram ter sofrido algum tipo de assédio, mas esse número é ainda maior, já que muitas delas responderam mais generalista ao assunto relatando o local como “José Tenório”, “próximo a escola Fundação Bradesco” e “Murilópolis”, inviabilizando a demarcação correta espacial.

Analisando o mapa, é importante ressaltar o quanto desses assédios aconteceram nas principais vias do recorte, caracterizadas por uma considerável movimentação de pedestres, automóveis e com a maior instalação de estabelecimentos comerciais. Essas mulheres relatam ter medo e inibição de caminhar e permanecer em espaços menos movimentados, como as vias locais, mas são nas vias de maior movimentação que o assédio acontece. Acontecendo principalmente por ações que não chegam ao toque físico, mas que agridem e constroem tanto quanto.

Mapa 04 - Espacialidade dos locais em que mulheres sofreram assédio sexual.

### Legenda

 Locais onde as mulheres que responderam ao formulário, relataram ter sofrido assédio sexual.

 BR-316 - Av. Menino Marcelo

 Av. Pr. Getúlio Vargas

 Rua Adolfo Gustavo

 Av. Pierre Chalita

 Murilópolis

Fonte: Autora, 2020.

**OURO  
PRETO**

**BARRO  
DURO**

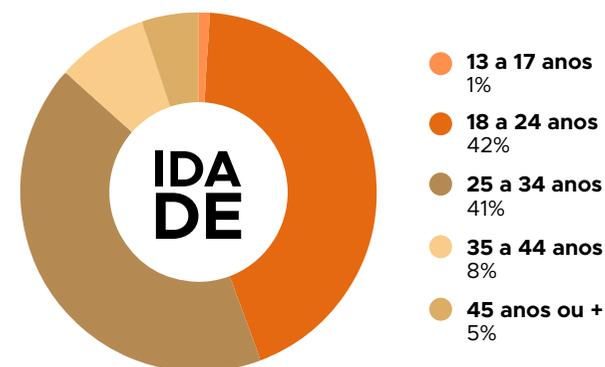


### 3.2 | Elas: através do Instagram.

Traçando o perfil das mulheres que responderam aos questionamentos na plataforma Instagram, identifica-se que majoritariamente são jovens entre 18 e 34 anos, onde 42% tem entre 18 e 24 anos e 41% tem entre 25 e 34 anos, representando 83% do total de participantes, mas há ainda a presença de 1% com faixa etária entre 13 e 17 anos, 8% entre 35 e 44 anos e 5% acima de 45 anos (gráfico 12). Sua relação com o bairro varia de residentes a transeuntes, em uma margem de dados quase igualitária, mas há também algumas mulheres que já possuíram em algum momento da sua vida alguma relação direta com o bairro, seja porque já moraram, seja porque já tiveram que transitar pelo bairro e não o fazem mais (gráfico 13). Dessas mulheres, 72,7% possuem algum animal de estimação e 91,7% não tem filhos (gráfico 14 e 15). Entendendo o perfil e a relação dessas mulheres com o recorte, os questionamentos foram sendo desenrolados com base no formulário (item 3.1 deste capítulo), mas também na fluidez do contato com essas mulheres, no que elas traziam.

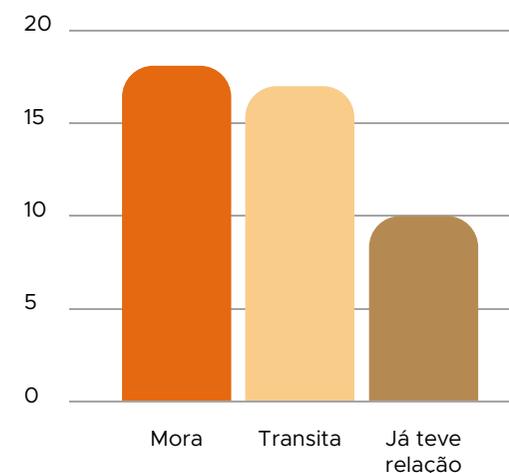
Nesse contexto de perfil, é importante destacar que durante a realização da pesquisa houveram também espectadores do gênero masculino e de contas “profissionais”, que contabilizados pela plataforma também geram números relacionados a faixa-etária e gênero. Sendo assim, são *seguidores* que estão mais voltados ao compartilhamento e alcance da página do que propriamente sujeitos da pesquisa. Isso se refletiu em maior alcance do conteúdo da pesquisa, gerando mais engajamento das perguntas e visualizações dos *stories* (onde a maior parte da interação foi realizada).

Gráfico 12 - Faixa etária das mulheres seguidoras do perfil @seessaruaufossefeminina na rede social Instagram.



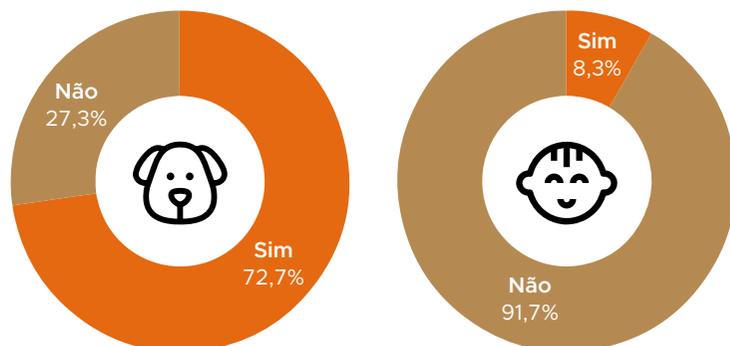
Fonte: Autora, 2021.

Gráfico 13 - Relação das mulheres com o recorte analisado, seguidoras do perfil @seessaruaufossefeminina na rede social Instagram.



Fonte: Autora, 2021.

Gráfico 14 (esquerda) - Mulheres seguidoras do perfil @seessaruafossefeminina na rede social Instagram que declararam ter ou não animais de estimação. Gráfico 15 (direita) - Mulheres seguidoras do perfil @seessaruafossefeminina na rede social Instagram que declararam ter ou não filhos(as).



Fonte: Autora, 2021.

Assim como no formulário, objetivando compreender o comportamento dessas mulheres com o espaço público e suas relações de gênero, indaguei sobre o papel do cuidado com filhos, família e animais de estimação, mas aqui havia um apelo muito maior sobre a situação mundial de isolamento em que a humanidade se encontrava em relação a pandemia da Covid-19. Sendo assim, contextualizo a questão em dois cenários: com isolamento social e sem isolamento social.

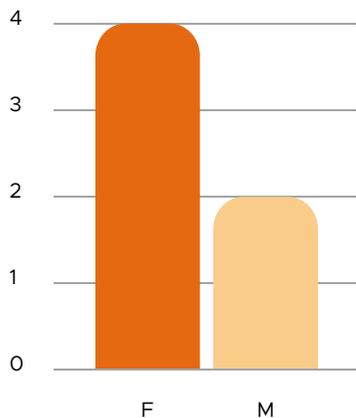
Sobre cuidados escolares com crianças, no cenário sem isolamento social, a figura feminina aparece como principal responsável (gráfico 16) e no cenário com isolamento social também (gráfico 17). Nesse quesito, percebe-se que apesar do maior número de mulheres

sem filhos(as), há um ímpeto em responder que mulheres representam com ou sem isolamento social, a responsabilidade com os cuidados escolares de crianças. Reflexo de uma sociedade que trata a mulher como principal sujeito nas atividades domésticas.

Já sobre cuidados com animais de estimação, no cenário sem isolamento social, a figura masculina aparece com maior destaque de responsabilidade (gráfico 18) e no cenário com isolamento social também (gráfico 19), mesmo que seja com pouca diferença. Nesse quesito, as respostas me surpreendem, pois na observação *in loco* notei mais mulheres desempenhando essa atividade.

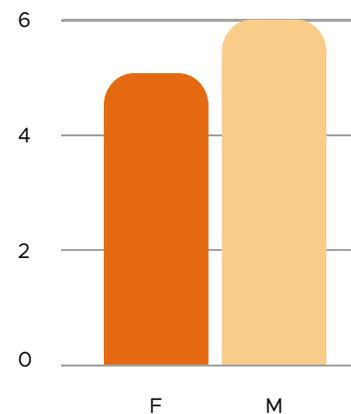
Sobre representatividade nas ações de compras alimentícias, no cenário sem isolamento social, a figura feminina aparece como principal responsável (gráfico 20) e no cenário com isolamento social a figura masculina aparece como principal responsável (gráfico 21). Nesse caso, os números apresentam ainda que pouco, um reflexo de disparidade. Com o isolamento social, onde apenas os serviços essenciais funcionaram e todos(as), por decreto estadual, são indicados a não sair de casa, os homens se destacam na tarefa doméstica de fazer as compras de alimentos. Ao passo que, sem o isolamento social, na normalidade urbana, as mulheres se destacam na tarefa doméstica de fazer as compras de alimentos. Durante a observação *in loco*, anteriores ao panorama da pandemia, percebo a confirmação no número de mulheres (quase majoritário) que caminhavam pelo bairro com sacolas de compras de alimentos.

Gráfico 16 - Relação de gênero sobre cuidados com filhos sem isolamento social, segundo seguidores do perfil @seessaruafosefeminina na rede social Instagram.



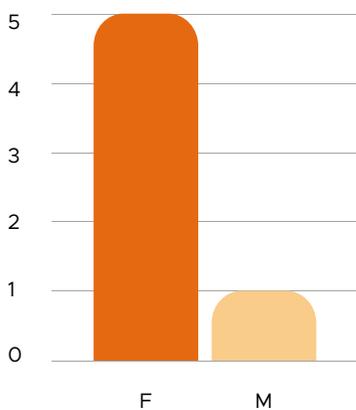
Fonte: Autora, 2021.

Gráfico 18 - Relação de gênero sobre cuidados com animais sem isolamento social, segundo seguidores do perfil @seessaruafosefeminina na rede social Instagram.



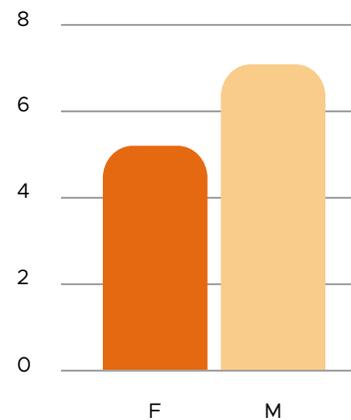
Fonte: Autora, 2021.

Gráfico 17 - Relação de gênero sobre cuidados com filhos com isolamento social, segundo seguidores do perfil @seessaruafosefeminina na rede social Instagram.



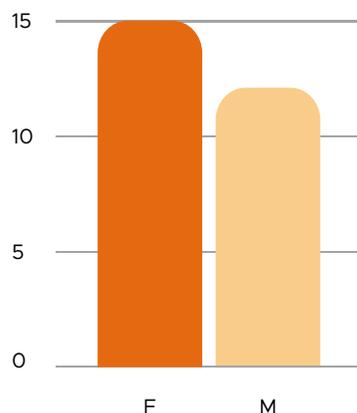
Fonte: Autora, 2021.

Gráfico 19 - Relação de gênero sobre cuidados com animais com isolamento social, segundo seguidores do perfil @seessaruafosefeminina na rede social Instagram.



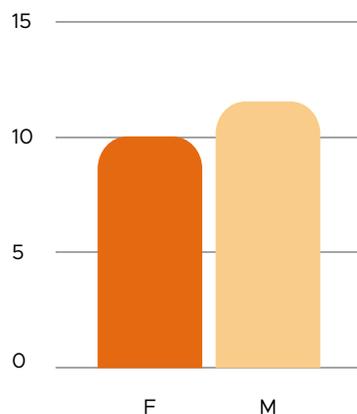
Fonte: Autora, 2021.

Gráfico 20 - Relação de gênero sobre compras alimentícias sem isolamento social, segundo seguidores do perfil @seessaruafosefeminina na rede social Instagram.



Fonte: Autora, 2021.

Gráfico 21 - Relação de gênero sobre compras alimentícias com isolamento social, segundo seguidores do perfil @seessaruafosefeminina na rede social Instagram.



Fonte: Autora, 2021.

Assim como no formulário, é importante entender como o contexto urbano ligado à infraestrutura urbana do recorte e as relações de gênero se dão no espaço público, mas principalmente como essas mulheres se sentem na utilização desses espaços. Tendo isso como premissa: o entendimento sobre a mulher e o espaço público, trago aos questionamentos nesta plataforma as relações das mulheres e o que elas comunicam em cada fala. Desse modo, iniciei os questionamentos sobre o recorte com a pergunta: “você já se sentiu atraída ou repelida a usar os espaços públicos da Serraria?”. E 100% considerou que sim. Porém, “sim” ou “não” ainda era impreciso para uma análise, então pedi que falassem mais sobre isso e houveram as seguintes respostas:

*“Atração por algumas praças”*

*“Minha infância foi lá, tenho muitas lembranças desse lugar. Me sinto atraída”*

*“Atraída a fazer caminhada/corridas no Murilópolis. Repelida pelas ruas que preciso passar para chegar lá”*

*“Prefiro ir pelo Murilópolis do que pela Fundação, mesmo sendo mais longe, pois a via é mais larga e arborizada”*

*“Atraída a fazer caminhada na região do Murilópolis, depois fazer um lanche no foodpark”*

*“Caminhando pela rua principal, que não sei o nome, senti medo de ser assaltada. E também senti medo no ponto de ônibus, mesmo em num horário movimentado”*

*“Me sentia repelida todas as vezes que entrava na rua do bombeiro voltando da facul 22h da noite”*

*“Repelida as vezes pela segurança. Sinto falta de um box da PM. A Serraria é um mundo”*

*“Me senti repelida e com medo pela falta de infra das calçadas, de iluminação de qualidade e proteção”*

*“Medo de assalto, por experiência de amigas que já foram. A falta de respeito dos homens com piadas”*

*“A pracinha do Zé Tenório falha em não ter espaços para sentar várias pessoas e não tem árvores”*

*“Tentativa de assalto, iluminação precária, calçadas inapropriadas, cheiro de esgoto”*

*“Medo de assalto! Pouca iluminação e dependendo da hora pouca gente na rua a noite”*

Quando ponho em reflexão ser atraída ou repelida ao espaço público do bairro, as mulheres tratam o medo de assaltos e a infraestrutura urbana deficiente como objeto de repulsão, e, espaços livres públicos de lazer como objeto de atração. Tendo a Serraria poucos espaços livres públicos de lazer, o canteiro do Murilópolis e a Praça Bicentenário se destacam.

Além disso, ainda sobre repulsão e atração, quando indagadas sobre lugares na Serraria que elas não percorrem sozinhas, a infraestrutura urbana volta a ser vista como ponto de definidor. Algumas

mulheres mencionam que não percorrem os becos entre prédios dos conjuntos José Tenório e Rui Palmeira, além da rua Adolfo Gustavo (por trás do supermercado GBarbosa e Assaí) no período noturno e a ladeira da Av. Pierre Chalita também no período noturno, principalmente pelo estado da iluminação pública deficiente. Aqui é importante destacar dois aspectos: i) os becos entre os prédios já apareceram em outras respostas como lugares de insegurança e vulnerabilidades e ii) é a primeira vez que a Av. Pierre Chalita é comentada em perguntas relacionadas ao bairro. Porém, mesmo repelidas ao uso desses espaços, quando indagadas sobre o que fariam se precisassem passar por esses caminhos, algumas afirmam:

*“Apressaria o passo, olharia para trás, esconderia o celular na roupa ou ia com mais alguém”*

*“Não vou ou pego um caminho mais longo”*

*“Olharia toda hora para todos os lados, andaria o mais rápido possível”*

*“Iria por outro caminho”*

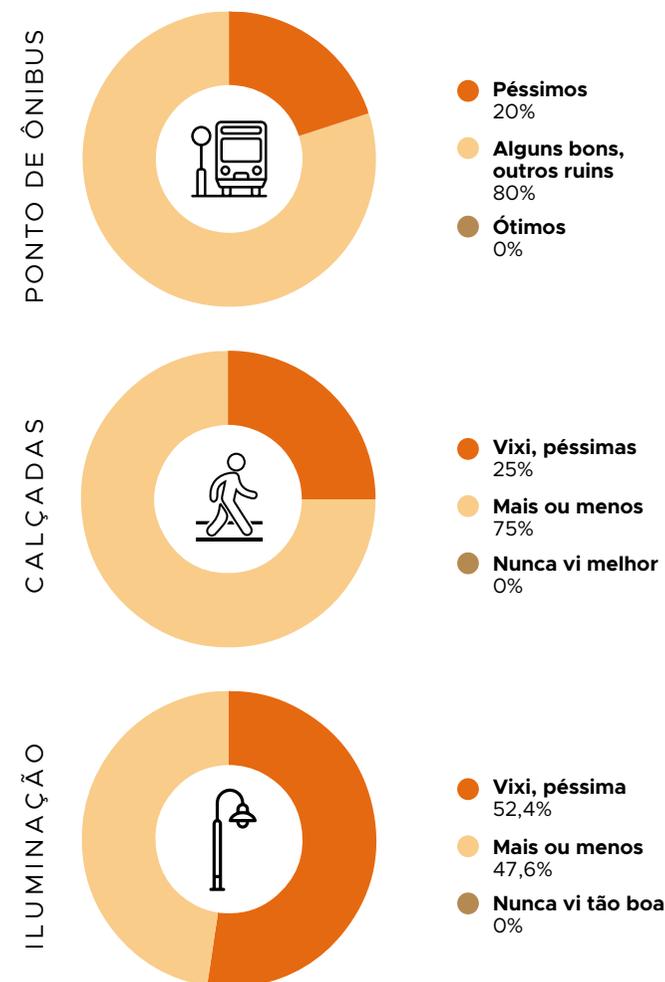
Ou seja, se necessitam passar por uma situação de vulnerabilidade, as mulheres repetem um padrão de proteção: optam por um caminho mais longo, escondem objetos de valor material que possam gerar atenção para elas e “apertam” o passo. Também é importante destacar as respostas relacionadas a não passar por esses lugares, o que recorda e reafirma a fala de Mildred Warner (descrita aqui no

tópico 1.1) de que as mulheres podem ser utilizadas como medidores de segurança de um espaço.

Diante desse contexto onde a infraestrutura urbana está totalmente ligada a atração ou não na utilização dos espaços públicos, a partir da experiência dessas mulheres, indaguei sobre a opinião dos equipamentos de infraestrutura urbana, onde consideraram sobre os pontos de ônibus (entre as alternativas: i) péssimos; ii) alguns bons, outros ruins; iii) ótimos) em suma maioria “alguns bons, outros ruins”, sobre calçadas (entre as alternativas: i) vixi, péssima; ii) mais ou menos; iii) nunca vi melhor) foram consideradas em maioria como “mais ou menos” e, sobre a iluminação (entre as alternativas: i) vixi, péssima; ii) mais ou menos; iii) nunca vi tão boa) foram consideradas em maioria como “péssima” (gráfico 22).

Desse modo, a deficiência desses equipamentos urbanos se destaca entre o regular e péssimo. É importante ressaltar que foi um aspecto levantado primeiro pelas próprias mulheres e que, portanto, gera desconforto e contribui com a insegurança. Não é um aspecto que surpreende, pois, caminhando pelo bairro é fácil encontrar uma calçada esburacada, uma iluminação fraca, um poste sem luz ou um ponto de ônibus quebrado.

Gráfico 22 - Opinião das mulheres seguidoras do perfil @seessaruafosefeminina na rede social Instagram, sobre as condições físicas de ponto de ônibus, calçada e iluminação no recorte.



Fonte: Autora, 2021.

Ainda no contexto da infraestrutura urbana, um desconforto pessoal sobre a utilização dos pontos de ônibus durante a observação in loco e a minha utilização pessoal como usuária do recorte, me fez questioná-las sobre como se sentem ao estar sozinhas no ponto de ônibus. Majoritariamente declaram ficar incomodadas, então questionei “o que você faz nessa situação”:

*“Costumava esconder pertences de valor e rezar pra chegar logo”*

*“Fico apreensiva, olhando sempre para todos os lados”*

*“Torço pra o meu ônibus passar logo e que enquanto eu ficar lá não aconteça nada”*

*“Se o bus não chegar eu tento ir pra algum estabelecimento comercial olhar o app do bus”*

*“Penso: vixi, é agora que eu vou ser assaltada de novo. E em seguida rezo: Pai Eterno, manda logo esse bus”*

*“Fico lá mesmo torcendo pro ônibus passar logo pois não tem o que fazer”*

*“Rezo”*

*“Não fico exatamente no ponto, fico em um lugar perto dê pra entrar ou correr”*

*“Fico em pé, pronta pra correr, literalmente. Atenta a tudo e rezando, que é o que resta”*

*“Ficava próxima ao prédio, que tem porteiro, e espera o ônibus aparecer no aplicativo”*

*“Observo o movimento ao meu redor e escondo sempre o que tenho de valor”*

*“Sempre pego o primeiro ônibus que vier e me deixa em um local movimentado”*

*“Saio exatamente na hora que diz no aplicativo, correndo o risco de me atrasar mas sempre orando”*

*“Muita oração apenas. Não tinha o que fazer. Esconder o que tinha de valor e aguardar”*

*“Fico atenta, observando todo mundo que chega no ponto... E se possível, pego logo o ônibus”*

Sendo mulher e usuária do transporte público, estar sozinha em um ponto de ônibus sempre me foi incômodo, então eu também queria ouvir de outras mulheres que vivenciam o mesmo espaço físico o que elas sentem e como se protegem.

Olhar as respostas onde 95,8% das mulheres ficam em ponto de ônibus sozinhas se incomodam com esse fato, reforçam a minha aspiração inicial de mostrar que as mulheres estão nas ruas apesar das adversidades e dos medos. Aqui os elementos de proteção se mostram mais claramente. Em uma situação de insegurança e vulnerabilidade, as mulheres se protegem: torcendo, rezando, escondendo pertences de valor, se distanciando do ponto, ficando próximo de algo que dê segurança e/ou pegando um outro ônibus mesmo que não seja

o certo (fazendo um percurso mais longo/demorado).

As falas de “não tem o que fazer” trazem algumas reflexões. No caso apresentado acima, a insegurança relacionada a bens materiais é mais evidente, o que pode ser mais relacionado ao fator “segurança física” atrelado as medidas governamentais. Porém, “não tem o que fazer” também pode ser refletido na dinâmica urbana de mulheres que desafiam o espaço público mesmo sendo socialmente imposto como adversa a esse ambiente. [Não tem o que fazer, preciso me deslocar, enfrentarei os medos.].

Ainda na perspectiva das relações de gênero com o espaço público, outro aspecto era importante ser entendido: exercício físico. Durante a observação *in loco*, presenciei uma quantidade significativa de homens e mulheres, de diversas idades, trajando roupas que indicavam a realização de atividades físicas. Somado a isso, o canteiro do Murilópolis mencionado várias vezes pelas mulheres como local de atração e de utilização, concentra diariamente a prática de caminhada e corrida.

Nesse sentido, segundo dados coletados, 66,67% afirmaram realizar alguma atividade física dentro do recorte e, por se tratar de trajetos curtos, fazem esse percurso a pé. Sendo assim, questionei sobre como elas se sentem ao realizar esse trajeto e elas afirmam:

*“Agora mais tranquila, passei a adotar roupas mais largas. Antes super constrangida.”*

*“Constrangida, assediada e violada”*

*“Exposta demais”*

*“De boas”*

*“Tenho vergonha, coloco uma blusa grande”*

*“Observada, os homens sempre dão aquela olhada. Até os que passam de carro”*

*“As vezes fico constrangida por passar por alguns pontos com aglomerações de homens”*

*“Sempre observada, por mais composta que seja a roupa”*

*“É sempre hostil. Percebo que correndo ou pedalando é menos por causa da velocidade”*

Optando pelo trajeto a pé até o espaço onde realiza atividade física, as mulheres precisam transitar por esse caminho trajando roupas “fitness” que são geralmente leggings, regatas, shorts de malha, macacão de malha, entre outros, comumente associados a evidenciação do corpo da mulher. Como mostram as respostas, isso não representa conforto pleno no espaço urbano, pelo contrário, sentem-se expostas, assediadas e observadas pelos homens.

Assim como no formulário, as questões de insegurança e assédio sexual se misturam as relações dessas mulheres com o espaço público. Segundo dados coletados, das 26 mulheres que responderam ao questionamento sobre o que elas consideram como insegurança, todas associam insegurança a assédio. Diante das alternativas apresentadas: i) ter um bem material roubado; ii) ser vítima de agressão física; iii) ter seu corpo violentado sexualmente; iv) escutar palavras de

conotação sexual direcionadas a você; v) receber buzinadas com conotação sexual; vi) receber olhares constrangedores; vii) todas as alternativas; viii) outros (especifique), 25 dessas mulheres assinalaram que consideram insegurança como todas as alternativas apresentadas e 01 mulher assinalou “ter seu corpo violentado sexualmente”, dando ênfase na relação da insegurança com o assédio sexual.

Posto isso, se essas mulheres consideram insegurança esses fatores, para entender a relação com o recorte seria também necessário entender se elas já se sentiram inseguras ao utilizar os espaços públicos. Indagadas sobre esse aspecto, de 28 mulheres, 27 afirmaram já ter se sentido insegura em algum espaço do recorte. Particularmente, enquanto ex-moradora, esse número reforça o que vivi e também o que já escutei de parentes e amigas que também são usuárias desses espaços. É uma afirmação que me entristece enquanto mulher. É mostrar e dizer que sendo mulher, vivemos inseguras no espaço público cotidianamente. Sendo isso real e palpável, não se pode observar o espaço público e o planejamento urbano desconsiderando a perspectiva de gênero, porque os acessos a ele não são igualitários.

Nesse cenário, faz-se importante também entender o que essas mulheres consideram como assédio sexual. Porém, antes de questioná-las, busquei primeiro compreender o que se aplicaria na legislação brasileira sobre o tema.

No primeiro momento de pesquisa, o conceito jurídico de assédio sexual é direcionado ao Art. 216 do Código Penal, que trata a temática aliada ao ambiente de trabalho:

“Art. 216-A. Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecen-

do-se o agente de sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função”.

Me recusando a acreditar que só exista isso na jurisdição brasileira que conceitue assédio sexual, requisitei a uma advogada que me indicasse outros pontos na lei sobre a temática. Diante da investigação, encontramos que em 24 de setembro de 2018 foi sancionada a lei 13.718/18 no código penal que introduz a temática como “crime de importunação sexual”:

“Art. 215-A. Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com alguém, mediante fraude ou outro meio que impeça ou dificulte a livre manifestação de vontade da vítima:

Pena - reclusão, de 2 (dois) a 6 (seis) anos.”

Segundo Castilho (2018), advogada criminalista, “o novo tipo penal da importunação sexual trazido pela lei 13.718/18 é, sem dúvidas, um grande passo na luta das mulheres pela proteção de seus direitos e suas dignidades. Isto porque, embora o texto legal não exija o gênero feminino como sujeito passivo do crime, é sabido que as mulheres são as principais vítimas das condutas de cunho sexual em transportes públicos, por exemplo.”.

E ainda:

“Em matéria publicada em 20/5/16, pela repórter Heloisa Cristaldo da Agência Brasil de Brasília, acerca do transporte público exclusivo para mulheres como uma das políticas públicas necessárias para proteção de suas dignidades sexuais, muito se mostra sobre a

realidade do dia-a-dia delas. Entre as formas de assédios sofridos em público pelas brasileiras, a pesquisa mostrou que o assobio é o mais comum (77%), seguido por olhares insistentes (74%), comentários de cunho sexual (57%) e xingamentos (39%). Metade das mulheres entrevistadas no Brasil disse que já foi seguida nas ruas, 44% tiveram seus corpos tocados, 37% disseram que homens se exibiram para elas e 8% foram estupradas em espaços públicos.” (CASTILHO, 2018)

E para as mulheres que transitam nesse recorte, o que seria assédio sexual? Elas já sofreram assédio nesse espaço? Segundo dados coletados, das 32 mulheres que responderam ao questionamento sobre o que elas consideram como assédio sexual, todas associam com: ter seu corpo violentado sexualmente, escutar palavras de conotação sexual direcionadas a você, receber buzinas com conotação sexual e receber olhares constrangedores. Além disso, quando indagadas sobre já ter sofrido assédio sexual, de 24 mulheres que responderam à pergunta, 20 afirmaram que sim.

Ressalta-se que para essa pergunta muitas alternativas caberiam ser introduzidas, mas caberia aqui a cada mulher identificar o que na sua vivência ela considera assédio e como ela vive isso na pele. As alternativas se fazem como via de resposta rápida, já que o espaço do Instagram é composto pela rapidez com que se “passa o dedo” para outro *story*. Mas, o campo de pergunta “outros” abre a possibilidade de resposta para quem se sentir aberta a mostrar outro ponto.

Sobre as repostas coletadas, me impressiona observar o engajamento em responder ao questionamento. E, que, diferentemente do que é expressado juridicamente, assédio sexual é vivenciado pelas

mulheres de um modo muito plural. Não é só uma questão de ser estuprada, mas de se sentir constrangida e insegura, como uma ameaça de violação.

Sendo assim, se insegurança e assédio sexual estão atrelados a plena utilização ou não dos espaços públicos pelas mulheres, senti a necessidade de compreender o que faria esse cenário ser mudado. Para elas, o que as fariam se sentir seguras “na rua”. E elas afirmam:

*“Pessoas”*

*“Estar em um lugar com pessoas circulando, lugares movimentados e que tenham ambos os sexos”*

*“Quando vejo idosos, crianças e outras mulheres”*

*“Não estar sozinha”*

*“Outras mulheres na rua”*

*“Ter gente na rua, fachadas ativas e iluminação e arborização”*

*“Mais mulheres por perto. Ruas sem muros extensos e altos. Pessoas nas calçadas de suas casas”*

*“Se tiver muita gente nela, principalmente outras mulheres”*

*“Estar com mais pessoas”*

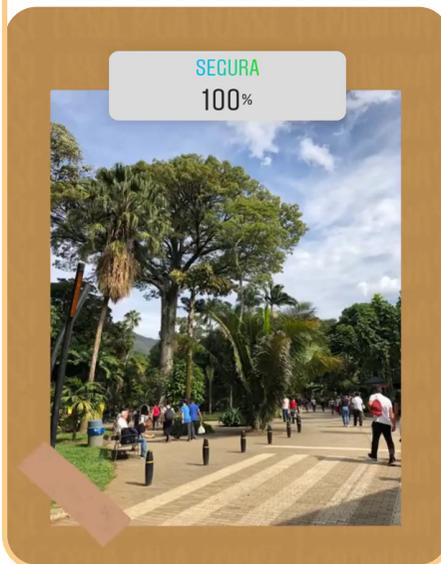
Posteriormente, para contemplar a participação de mais mulheres, realizei enquetes imagéticas sobre a opinião delas em se sentir seguras ou inseguras nos espaços das imagens:

Figura 08 - Ilustração da enquete realizada no perfil @seessaruafossefeminina, na rede social Instagram, mostrando a Rua Pedro Melo Mota, Serraria, Maceió - AL.



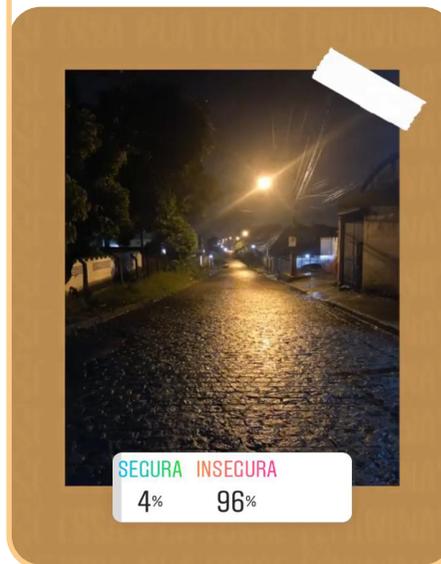
Fonte: Autora, 2020.

Figura 09 - Ilustração da enquete realizada no perfil @seessaruafossefeminina, na rede social Instagram, mostrando o entorno do Jardín Botánico Joaquín Uribe, Medellín, Colômbia.



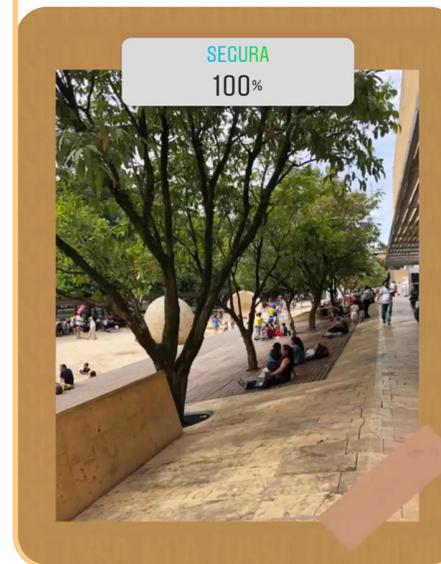
Fonte: Autora, 2019.

Figura 10 - Ilustração da enquete realizada no perfil @seessaruafossefeminina, na rede social Instagram, mostrando a Travessa Getúlio Vargas, Serraria, Maceió - AL.



Fonte: Autora, 2020.

Figura 11 - Ilustração da enquete realizada no perfil @seessaruafossefeminina, na rede social Instagram, mostrando o Parque de Los Deseos, Medellín, Colômbia.



Fonte: Autora, 2019.

**mulheres** **gente**  
**iluminação** **crianças**  
**fachada ativa** **arborização**  
**peças**

*Para essas mulheres, esses são os indicadores  
de elementos urbanos de segurança no espaço público.*

Cons.

Cons.

**Considerações:**

Cons.

Cons.

A arquitetura e o urbanismo sempre tiveram papel importante nas relações humanas nos espaços coletivos de socialização. A construção desses espaços comunica a história humana de como se relacionam, como estão presentes, como os formam, como querem incluir ou excluir alguém/algo.

Além de ser peça de sujeição ao meio que vive, é importante registrar também, como o profissional arquiteto-urbanista precisa sempre se lembrar de que as criações dos espaços atribuídos a ele não são para ele. É sempre para o outro. Para a outra. Não é meramente estético, mas social. Mesmo que relacionado a espaços privados como residências e corporações, tudo está instalado em um contexto social/urbano, portanto, tudo é também social. Em um projeto, a proposição de um recorte na fachada de uma casa, um muro alto ou baixo, iluminação voltada ao pedestre ou aos carros, revestimento de calçadas, vegetação ou ausência dela, becos e vielas entre edificações, entre outros, tudo é uma escolha que afeta o campo coletivo. E se afeta a todas as pessoas precisa ser compreendido, dialogado e aplicado de forma ampla. No âmbito do planejamento urbano, a consciência de gênero será sempre fundamental para construção de cidades integrais, dando luz aos efeitos invisíveis das relações de gênero de desigualdade e segregação na vida urbana.

Apesar de haver um avanço significativo de teoria e avanços discursivos, neste novo milênio, ainda não há iniquidade no acesso ao direito a cidade especialmente para o gênero feminino. Ainda é preciso que mais mulheres alcancem postos decisórios sobre os processos que moldam a maneira como vivem.

Segundo Liliana De Simone (2020), para chegar a um desenho

justo de cidades, bairros e comunidades que dará as mulheres protagonismo e amplo acesso, é necessário realizar um caminho de redistribuição de recursos e poder, dando as mulheres participação nessa hierarquia decisória. Para ela, as estratégias de planejamento urbano passam pelo enfrentamento do conflito e não a evitação, além da criação de uma base de negociação de ampla participação dos atores sociais envolvidos. Desse modo, ao incorporar os conflitos das relações de gênero, as proposições de planejamento urbano resultantes serão gerenciadas de forma mais criativa e resolutiva, afastando a invisibilidade e violência.

Planejar o espaço público a partir da perspectiva de gênero traz contribuições significativas a sociedade, uma vez que tratará da plena ocupação do espaço público e da ampliação do olhar ao planejamento urbano integrado, entendendo as demandas e necessidades de suas usuárias.

Quando construímos ambientes urbanos a partir de perspectivas privilegiadas ao longo da história, violamos a ideia de cidades para todos. Os direitos e necessidades do público feminino devem ser contemplados no planejamento das nossas cidades, e para que isso ocorra, a participação das mulheres em todas as etapas do processo deve ser ativa. A presença delas na política, governanças locais, associações de moradores e entre tomadores de decisão é fundamental para que suas vozes sejam ouvidas e suas necessidades representadas. (COURB apud RODRIGUES, 2017, p.7)

Para as mulheres participantes desta investigação, a plena ocupação dos espaços públicos está sempre correlacionada a sensa-

ção de insegurança. Não há dissociação entre estar em uma praça, esperar por um ônibus, transitar entre sua casa e os destinados que se quer, praticar atividade física ou qualquer outro ponto abordado nesta pesquisa, sem se preocupar com qual roupa usar para ser menos assediada, que ação tomar para não ser roubada ou violentada, por quanto tempo permanecer em uma praça sem que algo que lhe aconteça, que caminho percorrer, ir por um trajeto mais longo se for preciso para se proteger. Ou seja, as mulheres estão a todo tempo com mecanismos de defesa para conseguir utilizar espaços públicos com segurança. É indissociável a elas.

E, apesar da indicação de como essas mulheres se sentiriam confortáveis ao utilizar os espaços públicos, muitos dos relatos de assédio sexual por exemplo, são localizados nas vias mais movimentadas do recorte de pesquisa. Mas o assédio sofrido é fruto das relações de gênero sobre a ideia do papel sexual da mulher de submissão ao gênero masculino. Independentemente da “movimentação da rua”, os relatos se multiplicam de ações onde homens se sentem confortáveis em falar algo de cunho sexual, seguir ou propriamente tocar essas mulheres.

Ainda que essa relação ocorra intrínseca ao planejamento urbano (e que tenhamos um longo caminho de luta contra tal), para o desenho de uma cidade mais equitativa é preciso tomar isso como parte importante de estratégias reais para construção do desenho urbano. Nesta investigação, já vimos que as mulheres possuem estratégias de combate e sobrevivência aos conflitos urbanos, mas também indicativos dos fatores urbanos que as atraem e as fazem sentir-se seguras no espaço público, tais quais:

 **Caminhar e ocupar espaços públicos que tenham pessoas**, em especial mulheres, crianças e idosos. E aqui o plural é realmente importante, pois para elas espaços públicos com pouca movimentação é sinal de insegurança. E é importante também destacar que é preciso uma movimentação de pessoas diversas, fugindo de aglomerados de pessoas do gênero masculino que também é sinal de insegurança.

 **Arborização e infraestrutura urbana eficiente**, principalmente o que tange a iluminação pública, segurança pública, conforto ambiental e equipamentos públicos com boa provisão física.

 **Fachada ativa** atrelada a movimentação de pessoas em diversos horários do dia.

 **Urbanização e estrutura arquitetônica** da cidade que não propicie espaços de vulnerabilidade como becos e vielas sem uma estrutura adequada de percurso.

Se as ruas do bairro Serraria fossem femininas elas teriam sido projetadas ouvindo a população feminina do bairro, suas angústias, conflitos, sonhos e necessidades. Não teriam becos sem iluminação e sem “cuidado” e sim com uma estrutura urbana que propiciasse uma

ocupação segura e atraente. Não teriam calçadas desgastadas que fizessem mães andar com seus filhos em carrinhos de bebê pela via de carros. Teriam mais espaços públicos de lazer que propiciassem a plena ocupação, com movimentação de pessoas. Teriam fachadas ativas e uma arquitetura que dialogasse com o pedestre, sem muros extensos e fechados. Seriam bem iluminadas e com arborização. Haveria mais respeito sobre os corpos femininos.

Ref.

Ref.

# **Referências:**

Ref.

Ref.

ACTIONAID. **Brasil Lidera Assédio De Mulheres Em Espaço Público**. Actionaid, 2016. Disponível Em: <<http://actionaid.org.br/noticia/brasil-lidera-assedio-de-mulheres-em-espaco-publico/>>. Acesso Em: 04 Janeiro 2021.

BAÚ, J. M. **Jeanbaú**. Jeanbaú, 04 Fevereiro 2020. Disponível Em: <<https://www.jeanbau.com.br/blog/publico-alvo-instagram>>. Acesso Em: 02 Julho 2020.

BIROLI, F. **Gênero E Desigualdades: Limites Da Democracia No Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BIROLI, F.; MIGUEL, L. **Feminismo E Política**. São Paulo: [S.N.], 2014.  
CARERI, F. **Caminhar E Parar**, São Paulo, 2017.

CASIMIRO, L. **As Mulheres E O Direito À Cidade: Um Grande Desafio No Século XXI**. In: \_\_\_\_\_ **Direito À Cidade: Uma Visão Por Gênero**. São Paulo: IBDU, 2017.

CASTILHO, M. **Importunação sexual: a tipificação da dignidade da mulher**. 2018. Disponível em <<https://www.migalhas.com.br/deposito/290675/importunacao-sexual--a-tipificacao-da-dignidade-da-mulher>> Acesso em: Abril 2020.

CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero: Uma Perspectiva Global**. 3. Ed. São Paulo: Nversos, 2015.

CRUZ, V. **Feminino: a construção histórica do papel social da mulher**. XXVII Simpósio Nacional de História. 2013. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371176105\\_ARQUIVO\\_textorevisado.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371176105_ARQUIVO_textorevisado.pdf)> Acesso em: 02 de junho de 2021.

FERREIRA, K.; SILVA, G. **Urbanismo Feminista**. XVII ENANPUR. São Paulo. 2017.

IBGE. **Censo Demográfico**. Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística, 2010. Disponível Em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso Em: 12 Agosto 2018.

IBGE. **População Serraria - Maceió**, 2010. Disponível Em: <[http://populacao.net.br/populacao-serraria\\_maceio\\_al.html](http://populacao.net.br/populacao-serraria_maceio_al.html)>. Acesso Em: 20 Janeiro 2019.

JACQUES, P. **Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade**. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PD-Fs\\_revista\\_7/7\\_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf](https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PD-Fs_revista_7/7_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf)> Acesso em 05 janeiro 2021.

LIMA, A. **Estudo Configuracional Dos Assassinatos Cometidos Contra Mulheres Na Cidade De Maceió, Alagoas**. Maceió: [S.N.], 2018.

LYRA, J. **(Im)permanências e (In)seguranças da Mulher na Cidade: Pensando os espaços públicos a partir de uma perspectiva feminista no bairro da Jatiúca - Maceió/AL**. 2018. Trabalho Final de Graduação -

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

MARQUES, S. **Cidade, Serás Feminista!** In: \_\_\_\_\_ **Direito À Cidade: Uma Visão Por Gênero.** São Paulo: IBDU, 2017.

MASSOLA, C. **A CIDADE NA PERSPECTIVA DO GÊNERO: as políticas públicas urbanas 1990-2015 em São Paulo/SP.** P. 18. 2018. Disponível em: < [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/331990/1/Sumi\\_CamillaMassola\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/331990/1/Sumi_CamillaMassola_M.pdf)> Acesso em: 15 junho 2021.

OMS - Organização Mundial Da Saúde. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 02 Junho 2021.

PATA. Pata Data. **POST ADVERTISING TECHNOLOGY AGENCY**, 2015. Disponível em: <<http://patadata.org/maparacial/#lat=-86.465652&z=108.551559&z=14&o=t>>. Acesso em: 21 Julho 2020.

RODRIGUES, C. **A MULHER NO ESPAÇO PÚBLICO – Uma Reflexão Acerca Do Processo De Urbanização Contemporâneo E Da (Não) Participação Das Mulheres Na Produção Do Espaço.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, Florianópolis, 2017.

SANTOS, S.; OLIVEIRA, L. **Igualdade Nas Relações De Gênero Na Sociedade Do Capital: Limites, Contradições E Avanços.** Revista Katálysis, Florianópolis, V. 13, N. 1, P. 11-19, Jan./Jun. 2010. ISSN 1982-0259.

SIMÕES, B. **Marcas Urbanas das Mulheres Residentes nos Conjuntos Habitacionais de Interesse Social Prof. Paulo Bandeira, José Aprígio Vilela e Parque Dos Caetés, no Bairro Benedito Bentes, em Maceió/AL: “Transitar na Cidade é um Direito Nosso!.** p. 22. 2020. Disponível em: <[issuu.com/beatrizpalmeiramelosimoedocs](http://issuu.com/beatrizpalmeiramelosimoedocs)> Acesso em 02 de junho de 2021.

SIMONE, L. **Gender-Conscious Urbanism and Urban Planning.** 2020. Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/346688652\\_Gender-Conscious\\_Urbanism\\_and\\_Urban\\_Planning](https://www.researchgate.net/publication/346688652_Gender-Conscious_Urbanism_and_Urban_Planning)> Acesso em: 22 Novembro 2022.

Ap.

Ap.

**Apêndice:**

Ap.

Ap.

*Registros fotográficos do recorte, durante o processo de pesquisa em 2020, que mostram a dinâmica social do bairro.*



*Trecho da Av. Presidente Getúlio Vargas, próximo ao escola Fundação Bradesco*

*Registros fotográficos do recorte, durante o processo de pesquisa em 2020, que mostram a dinâmica social do bairro.*



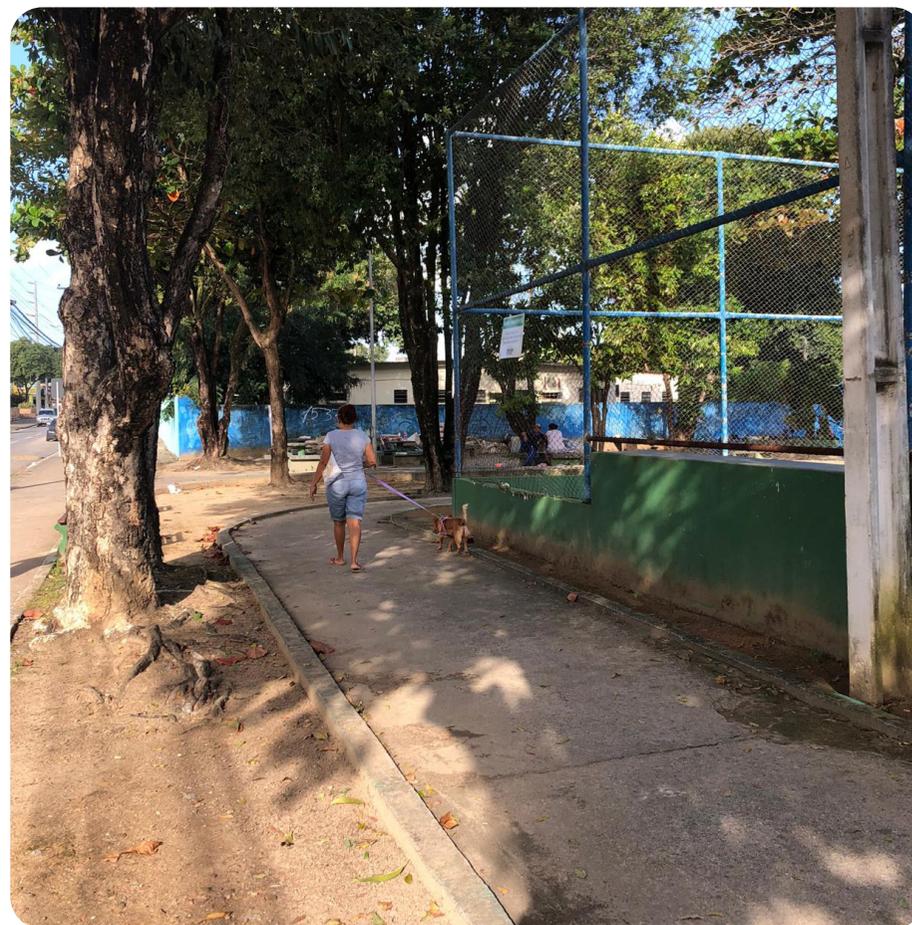
*Trecho da Av. Presidente Getúlio Vargas, próximo ao Cj. Rui Palmeira*

*Registros fotográficos do recorte, durante o processo de pesquisa em 2020, que mostram a dinâmica social do bairro.*



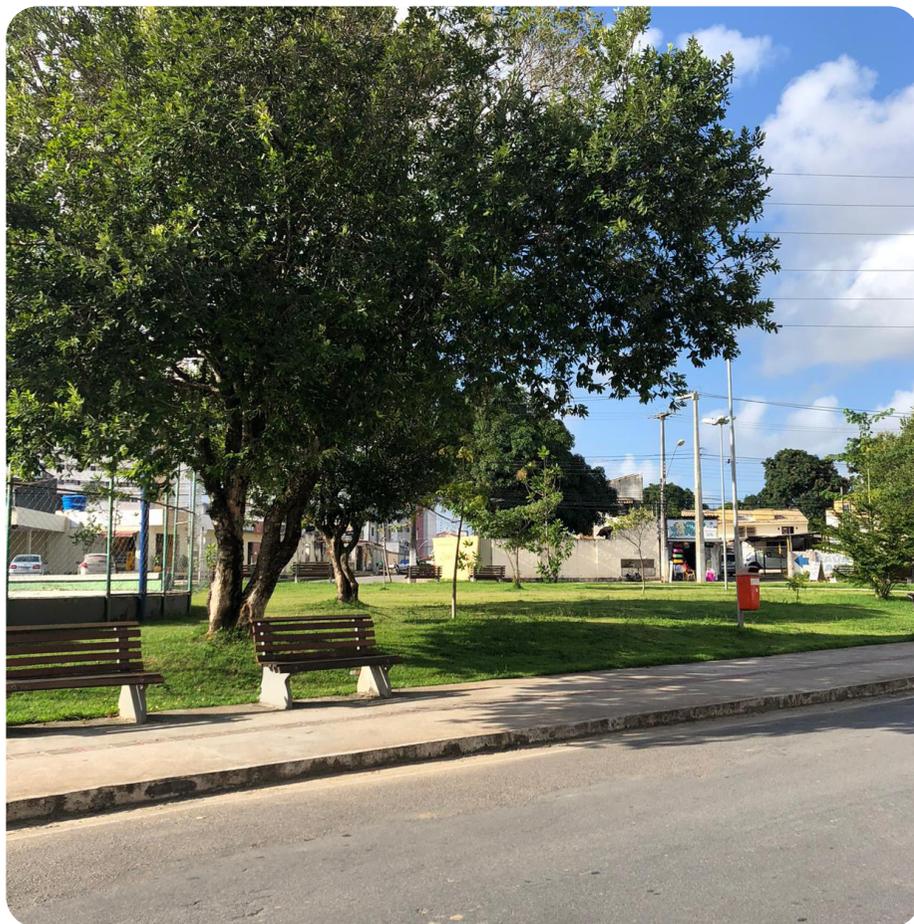
*Canteiro do Murilópolis*

*Registros fotográficos do recorte, durante o processo de pesquisa em 2020, que mostram a dinâmica social do bairro.*



*Praça do Cj. José Tenório*

*Registros fotográficos do recorte, durante o processo de pesquisa em 2020, que mostram a dinâmica social do bairro.*



*Praça do Bicentenário, no Cj. José Tenório*

# Se essa rua fosse feminina?

Olá, seja bem-vinda! Este formulário faz parte de uma pesquisa acadêmica, com o objetivo de contribuir com os estudos urbanos sobre a mulher no espaço público do bairro Serraria, Maceió – AL. Se você é mulher, mora e/ou transita pelo bairro, será um prazer te escutar.

Ah, e se você não quiser se identificar não tem problema, basta escrever “anônima” no campo destinado ao nome. Vamos lá?

---

**\*Obrigatório**

1. Como você prefere ser identificada? \*

---

Vamos nos conhecer!

2. Em que ano você nasceu?

---

### 3. Qual sua relação com o bairro?

Se você mora e faz outra atividade, assinale e priorize o morar.

*Marcar apenas uma oval.*

Moro *Pular para a pergunta 7*

Trabalho *Pular para a pergunta 4*

Estudo *Pular para a pergunta 5*

Passeio *Pular para a pergunta 6*

Outro: \_\_\_\_\_

*Pular para a pergunta 15*

Fiquei curiosa para saber mais!

### 4. Onde você trabalha?

\_\_\_\_\_

*Pular para a pergunta 15*

Fiquei curiosa para saber mais!

### 5. Onde você estuda?

\_\_\_\_\_

*Pular para a pergunta 15*

Fiquei curiosa para saber mais!

6. Onde você costuma passear?

---

*Pular para a pergunta 15*

**Conta  
mais!**

Fiquei curiosa pra saber mais sobre o bairro e ninguém melhor que uma moradora pra falar sobre ele. Então me conta...



8. Com quem você mora?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sozinha
- Amigos(as)
- Família

*Pular para a pergunta 9*

**Animais de estimação**

9. Você tem algum animal de estimação?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim *Pular para a pergunta 10*
- Não *Pular para a pergunta 11*

**Ainda sobre animais de estimação...**

10. Quem passeia com ele(s) e cuida de suas necessidades?

*Marcar apenas uma oval.*

- Uma figura feminina
- Uma figura masculina
- Os dois

Filhos(as)

11. Você tem filhos(as)?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim *Pular para a pergunta 12*
- Não *Pular para a pergunta 15*

Ainda sobre filhos(as)...

12. Seus(as) filhos(as) brincam no bairro?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- As vezes
- Não *Pular para a pergunta 15*
- Não tem mais idade pra isso *Pular para a pergunta 15*

Ainda sobre filhos(as)...

13. Quem acompanha seus(as) filhos(as) para brincar?

*Marcar apenas uma oval.*

- Eu ou outra figura feminina da minha casa
- Uma figura masculina

14. Onde costumam brincar?

---

Me conta mais um pouco!

Agora quero saber um mais sobre você, mas não se acanhe, as respostas não serão divulgadas. Então me conta...

15. Você faz algum exercício físico no bairro?

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não *Pular para a pergunta 19*

**Exercício físico**

16. Qual o tipo?

*Marque todas que se aplicam.*

Academia

Yoga

Caminhada

Natação

Lutas marciais

Centro de Treinamento (Crossfit)

Futebol

Outro: \_\_\_\_\_

17. Onde é?

\_\_\_\_\_

## 18. Como você acessa esse lugar?

*Marque todas que se aplicam.*

- Ônibus
- Moto
- Carro
- Bicicleta
- A pé
- Transporte por aplicativo
- Outro: \_\_\_\_\_

Só mais um pouquinho...

## 19. Quais serviços comerciais você utiliza no bairro?

*Marque todas que se aplicam.*

- Alimentação (supermercado, mercadinho, padaria, restaurantes, etc)
- Farmácia
- Vestuário
- Construção Civil
- Beleza
- Nenhum
- Outro: \_\_\_\_\_

20. Nos serviços de alimentação, só você é responsável pela compra desse tipo?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Não se aplica

**Mobilidade!**

Mobilidade é um ponto importante para a cidade e nossa qualidade de vida. Então me conta...

21. Qual o seu principal meio de transporte?

*Marcar apenas uma oval.*

- Ônibus
- Moto
- Carro
- Bicicleta
- A pé
- Transporte por aplicativo (Uber, 99, etc)
- Outro: \_\_\_\_\_

22. Se você utiliza o transporte público... qual a média de tempo que você fica à espera do ônibus?

*Marcar apenas uma oval.*

- Menos de 5min
- Entre 5 e 15min
- Entre 15 e 30min
- Mais de 30min

23. Em quais horários você costuma transitar pelo bairro?

*Marque todas que se aplicam.*

- Manhã
- Tarde
- Noite
- Madrugada

Quanto à infraestrutura urbana do bairro

24. Sobre as calçadas você considera:

Marcar apenas uma ova.

Péssimo



1



2



3



4



5



Ótimo



25. Sobre a iluminação você considera:

*Marcar apenas uma oval.*

Péssimo



1



2



3



4



5



Ótimo



26. Sobre os pontos de ônibus você considera:

*Marcar apenas uma oval.*

Péssimo

---

1

---

2

---

3

---

4

---

5

---

Ótimo

---

Vamos mais a fundo!

27. O que é insegurança pra você?

---

---

---

---

---

28. O que é assédio sexual pra você?

---

---

---

---

---

Vamos mais a fundo!

29. Além do que você já disse, alguma alternativa abaixo também te faz se sentir insegura?

Pode marcar mais de uma alternativa.

*Marque todas que se aplicam.*

- Ter um bem material roubado
- Ser vítima de agressão física
- Ter seu corpo violentado sexualmente
- Escutar palavras de conotação sexual direcionadas a você
- Receber buzinação com conotação sexual
- Escutar expressões como "fiu-fiu", gostosa, linda, direcionadas a você
- Receber olhares constrangedores
- Nenhum
- Outro: \_\_\_\_\_

30. Sobre assédio... além do que você já falou anteriormente, alguma alternativa abaixo também representa assédio sexual pra você?

Pode marcar mais de uma alternativa.

*Marque todas que se aplicam.*

- Ter seu corpo violentado sexualmente
- Escutar palavras de conotação sexual direcionadas a você
- Receber buzinação com conotação sexual
- Escutar expressões como "fiu-fiu", gostosa, linda, direcionadas a você
- Receber olhares constrangedores
- Nenhum
- Outro: \_\_\_\_\_

Sobre insegurança...

31. Você já se sentiu ou se sente insegura em algum espaço do bairro?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não *Pular para a pergunta 33*

Sobre insegurança...

32. Qual o horário você se sentiu ou sente insegura?

*Marque todas que se aplicam.*

- Manhã
- Tarde
- Noite
- Madrugada

Sobre assédio...

33. Você já sofreu assédio sexual no bairro?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não *Pular para a pergunta 35*

Poderíamos ir mais a fundo?

34. Você poderia dizer em qual trecho e horário aconteceu o assédio?

---

---

---

---

---

Quero  
te  
ouvir!

Agora, você pode ficar a vontade para relatar alguma situação que tenha vivenciado no bairro, sobre qualquer circunstância, boa ou ruim. É importante que você me fale o local onde aconteceu e caso se recorde, também o ano.

35. Identificação

*Marcar apenas uma oval.*

- Não quero me identificar nesse relato.
- Quero me identificar. Pode usar meu nome!
- Não tenho um relato.

36. Certo dia...

---

---

---

---

---

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários